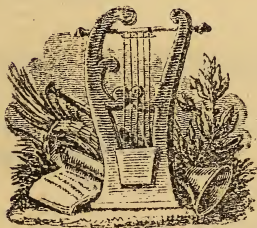
# POESIAS

# RECREIOS POETICOS

PELO

Doutor G. Centazzi.

LISBOA
TYP. DE F. X. DE SOUSA & FILHO
Rua do Ferregial de Baixo n.º 26, 1.º andar.

1864.

## AOS BONDOSOS LEITORES

—

Cudei deixar em paz a triste penna
Cançada d'escrever...
Mau fado meu! .. A sorte determina
Que o não deva fazer...

Não busco louros, com mesquinhos versos,
Nem d'auctor o brazão...
Busco, por via de um trabalho honesto,
Luctar c'a sem-razão.

DR. G. CENTAZZI.

## A LUA

Vou cantar a meiga lua,
Tão bella no meu paiz !
Guia de meus pensamentos
Nos meus jogos infantis. . .
Essa lua dos amantes,
Que tambem viu meus amores,
E, no fim de mil rigores,
Vê minhas cãas alvejantes.

Filhos, esposa, eu vos légo
A doce luz do luar,
Já que, por simples herança,
É quanto posso legar. . .
Heis d'achar, nessa luz pura,
Consolo, gozos sem fim,
Ella vos dará de mim
Recordações de ternura.

Ella viu-m'em tenros annos,
Nas margens d'álem do Tejo,
Revolver finas arêas
Que velho, e saudoso vejo
Hoje, que meus gozos são
Mil trabalhos, mil cuidados,
Tão bastos, e tão salgados
Como as arêas d'então!

Viu-me (penetrando a furto
No meu leito de agonia)
A verter jorros de sangue
Pela actual dynastia;
Viu-me depois escondido
Á furia da usurpação
Entre'a forca, e a prizão
Por ter meu rei defendido!

Tambem me viu, no desterro,
Debaixo de um céo gelado,
De saudade amortecido,
Nas penurias d'emigrado,
Sem patria, bens, nem parentes,
Sem presente nem porvir...
Oh sim... Viu-me alli carpir,
E, na patria, os innocentes!..

Vou cantar a meiga lua
Tão bella no meu paiz!..
Guia dos meus pensamentos
Nos meus gozos infantis...
Essa lua dos amantes,
Que tambem viu meus amores
E, no fim de mil rigores,
Vê minhas cãas alvejantes.

Inda mais... Viu-me nos laços
Do meu primeiro hymineu;
Viu-me suffocado em pranto
Quando meu filho morreu;
Viu-me, de tudo descrente,
Detestar o mundo, a vida,
A razão quasi perdida
Sob a furia omnipotente!..

Mas se tanto examinou,
D'estremecer, e pasmar,
Tambem nos vê, chara esposa,
Ditosos, em nosso lar...
Não cantarei eu a lua,
Tão bella no meu paiz,
Que apezar de meus tormentos
Mesmo assim me vê feliz?!!

Filhos, esposa, eu vos légo
A doce luz do luar,
Já que, por simples herança,
E' quanto posso legar. . .
Heis d'achar, nessa luz pura,
Como achei, gozos sem fim,
Ella vos dará de mim
Recordações de ternura.

## RECORDAÇÕES

—

De certa missa, do saudoso compositor Pinto, executada em Mafra por uma orchestra quasi toda de curiosos.

Corre, Pinto, acode cá,
Corre, vem, tocam-te a missa,
Olha que vão á derrissa
A quem mais a esfolará,
Não por ser xaranga má
A que brilha na funcção;
Mas pela disposição
Que mostra a guerrilha toda,
Só por ser coisa da moda,
Chiar por embirração. . .

De Santo Antonio, em festorio,
Foi o grande instrumental,
Harmonia, tão formal,
Causou espanto notorio. . .
Estremeceu o zimborio
Ao *rum*, *rum*, do rebecão;
Saiu, a sólo, o trombão,
Com dez *maximas*, tão *longas*,
Que fez engrillar as trombas,
Aos mordomos da funcção.

Foi orchestra sem *batote*,
Compassista dos melhores
Formada por tocadores,
E artistas de bom lote. . .
O bumbo tocou fagote,
O flautim, *primo violino*,
O *corneta*, homem divino,
Cantou seu sólo de baixo,
Por ir o baixo do diacho,
Tocar um sólo de sino. . .

Um óboe, cantou, se é certo,
Com voz aguda, afinada,
Outro foi, de trambulhada,
Nas volatas de um concerto. . .
Foi cruel o seu aperto
Naquella atrapalhação,
Jurou não mais, com razão,
De sólos ter a vineta,
Por lhe falhar a palheta
No furor da execução.

## MOTE

# IGNEZ, EM TEU CORAÇÀO

### IMRROVISO

Vendo-me quasi perdido
Nas mãos da rigida sorte,
Pedi, por favor, a morte,
De viver aborrecido;
O destino condoído,
Mudou a sorte de mão,
E quando, em minha afflicção,
Já s'esvaía a espr'ança,
Fui achar doce bonança
Ignez, em teu coração.

# SCILLA E CARYBIDE

—

## SCILLA

Um caturra p'ra cazar
Um ginga, por companheiro
Inda que tenha dinheiro
E' coisa de arripiar.
Quem julga assim ter cazado,
Ser feliz, não viver só,
Tem um marido de pó
Com canellos de finado.

## CARYBIDE

Um janota aprimorado
Por marido e companheiro
Se póde gastar dinheiro
E' um perfeito estouvado. . .
Marido assim o que quer,
E' bailes, pandigas, touros,
Na falta d'estes thesouros,
Tourea em casa a mulher.

## RESPOSTA A CERTO CILIBATARIO FEROZ

---

IMPROVISO

Ente agreste, e desgraçado,
Sem a mulher, fôra Adão;
Pela mulher compartimos
Um peccado sem perdão

Sem a mulher não se dera
Dos homens a geração;
Pela mulher vem os filhos,
Que tanto cuidado dão !

Sem a mulher não batêra
De ternura o coração;
Pela mulher perde o homem
Patria, Deus, vida, razão.

Sem a mulher não houvera
Do *grand ton* a ostentação;
Pela mulher se arruina
Muita casa e cidadão:

Sem a mulher não se vira
Tanta gente no sermão;
Pela mulher zomba o homem
Da moral da prégação:

Sem a mulher não tivéra
Sido Horacio mau irmão;
Pela mulher caiu Troia
Vencida pela traição;

Sem a mulher não houvera
Tanto saiote balão;
Pela mulher s'inventaram
Os casquetes de cartão:

Sem a mulher muita gente,
Não fôra a banhos de verão;
Pela mulher vae o homem
Dançar a muita funcção. . .

Sem a mulher fôra eu
Um disfructavel ratão;
Pela mulher já dei fundo
Nos mares da contricção.

Quer seja bom ter mulher,
Ou não ter. . . Em conclusão
Ha na mulher prós, e contras
Dignos de longa menção.

Neste ponto controverso
Cada qual julgue, e decida;
Quanto a mim prefiro a esposa
Aos mais doces bens da vida.

## A SAUDADE

—

Vês em redor de ti o povo em pranto
Sombrio, qual a noite, no trajar?...
Ouves além o bronze dos finados
Tristemente a dobrar?...
Ai de mim!...
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Adeus celeste luz dos portuguezes
Sabio varão, prudente rei bondoso,
Viveste pensador, piedoso, e justo,
Bom filho, e bom esposo!...
Ai de mim!...
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Quantas vezes, na chossa do pastor,
No trist'alvergue do artista enfermo,
Não foi teu coração, por mãos occultas,
Pôr á penuria um termo!
Ai de mim!...
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Quantas vezes, relendo grandes massos
De papeis, por mil mãos apresentados,
Não se dobrava teu sombrio rosto
Ao pezo dos cuidados?!!
Ai de mim!
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Movido por piedade, e por coragem
Atravez d'essa febre assoladora,
Quantas vezes não foi pensar o enfermo
Regia mão bemfeitora!
Ai de mim!...
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Se, por vezes, figuram reis tão santos
Nas demissões do servidor honrado
Culpa não é dos reis, mas do cabilda
Que os thronos tem ao lado. . .
Ai de mim! . . .
Quanto a patria não perdeu!
Pedro quinto morreu!

Repouza, rei. . . Se de virtudes cheio,
Na terra t'estalou o coração,
Derrama a luz nos céos, cujos limites
Só calcula a razão!

SOBRE O MOTE SEGUINTE QUE ME FOI DADO
POR T. A. DE C. JUNIOR

—

## MOTE

Passa teus dias brincando
Entre o carinho dos paes,
Pois são tempos, Candidinho,
Que não tornam nunca mais.

## GLOZAS

No mundo não ponhas olhos,
Não te lembres do porvir,
Não t'exponhas a sentir
Tão cedo tantos abrolhos!...
Foge, filho, dos escolhos
Que a malvadez vae forjando,
Nelles vejo naufragando
Virtudes e mocidade...
Ah!... Nos céos da tua edade,
Passa teus dias brincando...

Pede a Deus tarde a lição
Das mil pensões do viver,
Das sem-razões do poder,
Da humana ingratidão,
Dos deveres de christão
Trata-se hoje, por demais;
Oh!... Quanto, nos vendavaes,
Da vida, cheia de perigo,
É celeste o doce abrigo
Entre o carinho dos paes!

Dos ternos paes que perdidos,
Já não tem substituição;
Dessa divina affeição
D'alma, que não dos sentidos;
Desses cuidados movidos
Pelo celeste caminho;
Desse agasalho do ninho
Que um dia te ha de bradar...
«Sae... Prepara-te a penar
«Pois são tempos, Candidinho...

Destes annos de ventura
Goza pois, anjo innocente,
Vem, após dia ridente,
Sobranceira a noite escura;
Vem alfim, da sepultura,
Mil incertezas fataes.. .
Se hoje, filho, não gozaes
De teus brinquedos, com ancia,
Dize adeus aos bens da infancia
Que não tornam nunca mais.

SOBRE O MOTE SEGUINTE QUE ME FOI DADO POR T. A. DE C. JUNIOR

—

## MOTE

Nasce a flor, definha, e morre,
Assim murcha a formusura;
Do tempo, a fouce fatal
Tudo arrasta á sepultura.

## GLOZAS

Que feito foi desse brilho
De teu éstro anticipado,
Meu vate desventurado,
Meu saudoso, e triste filho?!!
Foi-se rapido no trilho
Que a natureza percorre;
Já não brilha, não discorre,
Não seduz, murchou-se assim
Como ás vezes, no jardim,
Nasce a flor, definha, e morre!

Pensamento, erudição,
Merito, melancolia,
Tudo em ti, Guilherme, havia
Posto Deus, com larga mão!
Tinhas, co'a penna, o condão
D'estimular a ternura;
Té a propria sepultura,
De teus versos commovida,
Te murchou tão cedo a vida!!!...
Assim murcha a formusura!

Foi madrasta a natureza
De nos dar filhos, consorte,
Honras bens, pr'a vir a morte
Roubar-nos tanta riqueza;
Para a vida ser tristeza,
Ancia, escarneo, duro mal
Basta ser um cabedal
Dado á risco tão subido,
Que, de um corte, o faz perdido
Do tempo a fouce fatal.

Mas soffrer é dote humano,
Sofframos nosso destino,
Não póde o saber divino
Ser injusto, nem tyranno:
Este mundo é puro engano,
De mesquinha e curta dura:
Quando a razão, já madura,
S'entrega a serio juizo,
Paz, desejo, tédio, sizo,
Tudo arrasta á sepultura!

## DOCE RECORDAÇÃO DAS MINHAS BICHAS

—

Já lá vão de Santo Antonio,
Essas noites de folgar,
Quando, em volta da fogueira,
Meus paes me viam brincar:

Adeus bichas, e rodinhas,
Adeus *lundum* de ternura;
As rodinhas que hoje temos
São rodas de desventura:

Adeus da saudosa infancia,
Delicias do coração. . .
Tantas cabeças de vento
Nem uma só de alcatrão! . . . *

* Era costume, ha annos, fazerem-se fogueiras na noite de St.º Antonio com uns paus munidos, na parte superior, d'um embrulho feito de estopas e pannos alcatroados, aparelho este a que se dava o nome de — cabeça de alcatrão.

## AO CREADOR

—

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Quem tem olhos não duvida
Da existencia de Deus:
Chamo Deus ao Creador
Do que vemos e não vemos,
Do pouco que advinhâmos,
Do muito que concebemos.

Quem tem olhos vê nos mares,
Cem mil milhões de viventes;
De animaes raças sem conta
Povoando os continentes;
Vê o raio, a serra altiva,
A luz, a vegetação,
Circulo eterno, em que a morte
E' fonte da creação!

Vê o despontar d'aurora,
Fazendo chorar as flores
N'esse orvalho matutino
Que alimenta seus amores,
Vê plantas e vê as aves,
Girando sem desalento;
Vê exercitos de mundos
Nas plagas do firmamento.

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Quem ouve bem não duvida
Da existencia de Deus:
Ouve o som da tempestade,
Do trovão que faz tremer,
Do vulcão, que arroja aos ares,
Mares de terras a arder. . .

Ouve a voz da joven mãe
Ao filhinho a acalentar,
Ouve o terno passarinho
Nessas noites de luar;
Ouve, da doce harmonia,
As cem mil combinações,
Vozes de Deus que abrandecem
Os mais duros corações.

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Quem tem olfato não zomba
Da existencia de Deus:
Sente o perfume das flores,
Nos campos ou no pomar;
As emanações salubres
Da salgada onda do mar.

Sente o vapor sulfuroso
Que s'exala desse chão,
Terror, espanto dos vivos,
Denominado vulcão!
Sente o halito suave
Da donzella casta e pura,
Que nos inunda e repassa
Da mais suave ternura

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Quem tem sabor não duvida
Da existencia de Deus:
Dos fructos, no adocicado,
Tão util á nutrição;
Das cascas, no linitivo
Contra a febre e a podridão;

Das agoas, nos saes e ferro
Contra a fraqueza da vida;
Das flores, nesse perfume
Contra infecção homicida;
Das pelles, em mil essencias;
Do pólen, no doce mel,
Do calice do martyrio
Nos amargores do fel...

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Quem tem tacto não duvida
Da existencia de Deus:
Quer toque n'esse alabastro
Da virgem candida e pura;
Quer no seio palpitante
De uma divina cintura;

Quer nos mares, quer nas terras,
Quer nos astros, quer nos céos,
Quer nos cordeiros ou féras,
Tudo creado por Deos!
Quer na vaga impetuosa,
Causa, por vezes, de luto;
Quer no regato innocente,
Que lhe vae pagar tributo.

Vinde cá, homens descrentes,
Vinde cá, impios atheus,
Meditae... Sentireis n'alma
A existencia de Deus
No amor, na paz, na furia,
Na ternura e compaixão,
Na fé, e principalmente
Nas expanções da razão.

## A CRENÇA

Sabes tu porque, da crença
É sublime a adoração?...
Porque a fé nos arrebata
Sentimentos, e razão:
Não confundas pura crença
Com infernal fanatismo,
Ella é dos céos o brilho,
Elle as escorias do abysmo

Pela crença morreu Christo
Assassinado na cruz,
Legando-nos seus preceitos
Da mais clara, e santa luz;
Não confundas pura crença
Com fingidas ambições,
D'esses que amam seus interesses
Dizendo amar as nações. . .

Pela crença viu a gente
Martyres, de muitas éras,
Postos em fogo, em tortura,
Dádos, nos circos, ás féras;
Não tomes sempr'a coragem
Por verdadeiro valor,
Vê na guerra, a quantos fracos
As ambições dão furor ! . . .

Pela crença transmigraram
Familias, tribus, nações,
Affrontando céos, e terra
Perigos mil e privações:
Não confundas taes impulsos
Com calculo aventureiro,
Q'engodado de cubiças
Vae girar o mundo inteiro.

Pela crença, em holocausto,
Correu muito sangue humano,
D'impulso proprio ou nas garras,
Do despotismo tyranno:
Oh!... Que differentes razões,
Á sombra da voz divina,
Não arrojaram Cruzados
Ao Egypto, á Palestina!!!

Atravez de tanta crença,
De scenas tão variadas,
De torturas tão horriveis,
De tantas virgens queimadas,
De tanta lida e motim,
Quer em paz, quer em furor,
A maior das minhas crenças
Nasce, Ignez, do teu amor.

## PRÓS, E CONTRAS DO MATRIMONIO

—

Ai, ai, ai, grita a mulher...
O que tens? Lhe perguntei?!
Ai, ai, me respondeu ella
Uma dôr ai... Ai... Não sei...

Salto da cama, n'um pulo,
Visto-me, ponho o chapeu,
E, de frio, dando ao dente
Por Lisboa ahi vou eu...

Era alta noite... Medonha...
E tão negra se fazia,
Que, a dois passos de meus olhos,
Via eu que nada via...

Sahi, corri, e bem lesto
Fui tomar medida ao chão...
Truz... Oh céos!.. Q'immenso bruto!..
Rebentei um gatarrão!..

Um gatarrão!.. Causa espanto
Que não fosse algum totó,
Quando Lisboa anda cheia
De tanto cão que faz dó...

A final, bicho, eu te chóro
Na tua dôr derradeira...
Mas deixa-me... Vou depressa...
Vou em busca da parteira...

Parteira tem cruz á porta,
Eu vejo porta, com cruz
E, sem mais nem mais, começo
De bater *truz, catrapuz!..*

De repente... Oh! Que nariz
Se assoma!!! Que figurão!!!
Que s'esganiça e me brada:
*Arre diqui brágeirão...*

A parteira?.. Digo, e elle...
*Parturie diz morar perte,*
*Parturie... Si. si vae mude*
*Of Cóffe de Concérte...*

Parto d'alli, qual um raio,
Dos tacões faço trovão,
E vejo-me... Coisa rara!!!
D'uma patrulha entre mão!!!

Naquelle fatal encontro
Parei... Reparei em mim. . .
Fiquei pasmado !.. Abysmado !..
Estava feito arlequim !!!

Tinha ceroulas (e ás veças)
Em termos de causar dó...
Tinha envergado o colete
Por cima do *paletó!..*

Bota, n'um, chinella, n'outro
De meus pés iam calçadas;
E o chapeu da cara esposa
Na cabeça,· ás tres pancadas!

Tratei de dar, de meus trages,
A devida explicação,
Saquei dos bolços uns cobres
Todos me deram razão;

Liberto galguei a casa
Estava feito papá !!!
Saltei na filhinha aos beijos
Prazer assim não se dá.

Podem haver bons parentes,
Maridos bons e leaes;
Se destes ha muitas vezes
Uma só vez temos paes !

## COMPENSAÇÕES

—

Repara bem neste mundo
Ensopado em sem-razões,
Verás: na vida presente,
Ser a sorte do vivente,
Cheia de compensações.

O rei no throno elevado,
D'incertezas rodeado,
Trocaria seu cuidado
Pela chossa do pastor:
O orgulhoso valido,
Pelo rei favorecido,
Receia de ser perdido
Pelo aulico traidor

O homem rico, abastado,
Que tudo tem dominado
Com esse metal dourado
Incrivel no seu vencer:
Tem, nos domesticos lares,
Tão amargosos pesares
Qu'em doce paz, por gozares,
Trocaria empobrecer:

O general, o heroe,
A quem o peito não dóe
De tudo quanto destróe
Dos combates no calor;
No meio destas façanhas
A's vezes, por artimanhas,
É vencido nas campanhas
De um sordido adulador.

Repara bem neste mundo
Ensopado em sem-razões,
Verás: na vida presente,
Ser a sorte do vivente
Cheia de compensações.

Se o lavrador abastado,
Sempre cheio de cuidado,
Nas sementeiras, no gado,
Passa noites sem dormir.
Tambem o trabalhador,
Apoz gelos e calor,
Goza da ceia o sabor
Junto da esposa a sorrir.

Se o senhorio insensivel,
Com paz d'espirito incrivel,
Eleva, além do possivel,
O predio que faz render:
Lá vez inq'lino mesquinho,
Com seus tres cacos de pinho,
Tratar só do seu corpinho
Se vê a terra a tremer. . .

Eis-aqui, com reflexão,
Por que, *da pouca razão*,
Se diz, por compensação,
Serem os reinos dos céos;
Haja vista ao Papa-Fina,
Ao Escalado mofina,
Ao José da sanfonina,
E outros qu'estão com Deus!

Repara bem neste mundo
Ensopado em sem-razões,
Verás: na vida presente,
Ser a sorte do vivente
Cheia de compensações

O frade, no seu convento,
A freira, em recolhimento,
Qual não fôra seu tormento
Do mundo sem se gozar,
Se, apezar do locutorio,
Paz da cella, o refeitorio,
Cerca, e ares do zimborio,
Não vivessem a cantar.

Vêde o honesto operario,
Com seu modesto salario,
Não temer, qual usurario,
Os assaltos dos ladrões,
Como, após duro trabalho,
Em carinhoso agasalho,
Saborêa açorda de alho,
Recheiada de affeições !

A final: mui bem o diz
O pensador Azaiz,
Quer feliz, quer infeliz,
Todos tem compensação:
A' excepção de morrer
Ninguem deixará de o crêr,
Não ha pena sem prazer
A diffr'ença é no quinhão.

*

## ENCONTRO FELIZ

—

Da saudosa Cintra,
Vinha pela estrada,
Quando vejo, ao longe,
Grande poeirada.

Era, de *janotas*,
Temporal nefando,
Burros *madamismo*,
Tudo bordejando ! . . .

Eu que, pelo sexo,
Sempre fui banana,
Dei d'espora á féra,
Com pasmosa gana. . .

Ella, ardendo em ira,
Deu cada pernada,
Que me fez, de chofre,
Cair na ranchada.

D'entre mil donzellas,
Com mamãs, e tias,
Só tu, anjo verde,
Esp'ranças dizias;

Só tu, com teus olhos
Teu meigo sorrir,
Me abristes nest'alma,
Ditoso porvir. . .

Meu Deus!.. Oh!.. Que susto!..
De meu coração
Exala-se um grito
Estavas no chão!!!

Quem será, no mundo,
Que não estremeça
Vendo a innocencia
De saia á cabeça!!!

Vinguei-me do susto
Na féra nefanda;
Puz-lhe, com mil soccos,
As trombas á banda...

E como devoto,
Enfrascado em zelo,
Dei-te por estribo,
Meu chapeu de pello...

E vim, p'ra Lisboa,
Por tua razão,
*Cochicho* á bolina,
Em modo gingão.

Chapeu já eu tenho
Falta-me a fiança
Que o verde vestido
Não desminta esp'rança...

## AO CEMITERIO

---

Pára mortal. . . Examina
Os portaes da eternidade !!!
D'essas portas para dentro,
Cessa o prazer, o tormento
Da misera humanidade !

Vês além negros ciprestes
Tristemente a suzurrar ?. .
Eis o reino, justo e forte,
Onde a mão da feia morte
Vae os vivos egualar !

D'ella não foge o tyranno,
D'ella não foge o traidor,
A virgem não foge d'ella
Térna, tênra, meiga, e bella
Victima do casto amor

Morte... Cruel inimiga
Das mais doces affeições..!
Barbara, que não reparas,
Na furia com que separas
As mais ternas ligações!

Nem riqueza te seduz,
Nem te reprime o poder,
Quando assim feroz o queres
Elevas o braço, e féres
Sem hesitar, nem temer!

Pára, mortal examina
Os umbraes da eternidade!!!
Dessas portas para dentro
Cessa o prazer, o tormento
Da misera humanidade!

Quantos ais quantos pezares,
Quanto orgulho, e ostentação,
Quantos odios e ternuras
Não ha, nessas sepulturas,
Dentro de um podre caixão!

Oh! Que de corôas perdidas!
Que d'esp'ranças malogradas,
Quanta dôr amortecida
Não depoz aqui a vida
Nestas ultimas pouzadas!..

Essas pedras alvejantes,
Que todas olham pr'a o céo,
Pó d'aqui a trinta edades,
Serão perdidas vaidades
Do pó que a terra sorveu!..

Pára mortal examina
O poder da eternidade!!!
Dessas portas para dentro
Cessa o prazer, o tormento
Da misera humanidade!

Esses ciprestes sombrios,
Pelo tempo fulminados,
Destes sitios legarão
A' futura geração.
Os cômoros descalvados! .

Arvores, pedras, humanos,
A tudo o tempo, sem dó,
Com sua mão corrompida,
Had', apoz sonhada vida,
Reduzir a triste pó!..

*A duas exm.[as] donas, a quem o sr. dr., com suas fumaças de Maestro pediu se dignassem de cantar um duetto engendrado sobre a letra do — qui, quae, quod — latino.*

## EPISTOLA

Aos anjos mais angelicos da terra,
Onde a graça de Deus toda se encerra,
Vou eu, mesquinho leigo de sacóla
Pedir, d'orelha baixa, a minhà esmola.

Que não sou *gram maestro*, é bem patente
Da Sytia fria, té a Lybia ardente...
Se, na minha rebeca tóco a sólo,
Ponho tudo a fugir de Pólo a Pólo...

Que mais direi?.. Que as minhas rebecadas
Parecem dois canitos ás dentadas?!!
Pois sim... Forme-se jury competente,
Já que tóca rebeca tanta gente.

N'um excesso de furia..... *Que furôre!..*
*Son devenuto gram composilore!!!*

Alambicados sons, como centêlhas,
Fez a todos levar mão ás orelhas!!!

Era um duetto... *furia... Dio... Per Bacho...*
*Optima productione*, do meu cáco!!!

A coisa foi assim: um estudante,
E o mestre de latim, caso flagrante,
De raiva um, de med'outro, aos pinotes,
Fizeram seu papel de Dons Quixotes,
E eu logo... Catrapuz, de rabiscada,
Dei largas de prazer á estudantada,
Dispondo em solpha *o qui quae quod* latino
Que tanto me moeu em pequenino,
Esse *qui*, pelo qual vezes sem conta
Inchadas tive as mãos, e a bola tonta!..

É do tal *qui*, *quae*, *quod*, neste dia,
Q'eu desejára ouvir a melodia,
E ver se vossa voz, dos céos encanto,
Dos taes latins me livram do quebranto...

Se de meus rogos não surdir effeito
Trarei, por voto, palmatoria ao peito...

A vossos pés, senhoras, situado
Sempre vereis, em mim, fiel criado,
E agora peço á protecção divina,
Que vos livre da minha medicina.

## MOTE

AUSENTE DA IRMÃ QUE ADORO

## GLOZA

Porque não vens, Carolina,
Terminar minha saudade,
Se pereço d'anciedade
Sem te ver!.. Sorte ferina!
A dôr que me contamina,
Os rios d'agua, que chóro
Cessarão, se o céo qu'imploro,
Vendo meu peito qu'estala,
Findar o mar que me rála
Ausente da irmã que adoro.

À EX.ᵐᵃ SR.ª D. F. R. NO DIA DOS SEUS ANNOS

## SONETO

Mimoso coração, da flor nascido,
Dessa flor que revéla mais candura;
Materno coração, onde a ternura
Serve tambem de mãe ao desvalido:

Tua constante fé, dote subido,
Calca aos pés o furor da sorte dura,
Neste mundo feroz e de loucura
Onde o valor real corre perdido.

Essa razão sublime que te guia,
Credôra do louvor mais extremado,
É o brilho de Deus, que te allumia;

D'esta arte um anno mais tendes passado
Desses annos, velozes qual um dia
Nos teus lares de paz saboreado.

## MOTE

PREZO SÓ POR TEUS ENCANTOS

## GLOZA

Julguei-me preso deveras,
Consultei meu coração.
Desvanecêu-se a paixão
Em passageiras chimeras...
Fui navegando nas eras
De sentimentos mais santos
Em que a verdade aos espantos
Dá rasões de sensatez...
A final fiquei, Ignez,
Prezo só por teus encantos.

## SONETO

Sabe leitor que sou condecorado
De fitinha amarella, outra vermelha,
Mas não julguies ver disto a minha orelha,
O corpo, o tracto mais enchorissado;

Desses esforços mil qu'hei tributado
(A que as más linguas denominam telha)
Da peste, e guerra, na fatal parelha
Já s'esquecêram. . . Tudo vae passado!..

Quem nos não diz que eu não acorde um dia
Feito sultão, pacha, ou rei mourisco,
Seja por sorte ou fantasmagoria?!!

São destes cazos tantos os que hei visto
Que bem me póde vir qualquer fatia
Antes das honras d'ir cear com Christo.

## AO CANDIDOSINHO

### NO ANNIVERSARIO DOS SEUS SEIS ANNOS

*Improvizo*

Candido, no nome,
Candido, em figura,
Candido, no genio,
Candido, em cordura...

Assim hoje contas
Seis annos d'idade,
Annos que revelam
Dons da Divindade.

Põem olhos, meu filho,
No calice ameno,
Que adulto, por veses,
Segrega veneno...

Implora, meu anjo,
As graças de Deus;
No inferno da vida,
Não caias dos Céos.

LAMENTOS DE UM LITTERATO PORTUGUEZ

## SONETO

Sem ti, amigo meu, caro tinteiro
Amargos me seriam muitos dias,
Muitas horas de crespas agonias,
Sem que'eu saiba onde vá buscar dinheiro;

Se me lembro das portas do banqueiro,
Que arrota peixe frito, e fidalguias,
Estremeço de horror, vendo em porfias
Com meus cácos de pinho o quadrilheiro;

A final vence a fome, e desventura
Juizes contra os quaes não valem queixas
Embora seja a fome negra, e dura. . .

Letras, em Portugal, são más fatexas,
Escrever, entre nós, oh !. . . Que loucura!...
Lucra-se muito mais vendendo méchas.

AO MEU PRIMO SÁ PANDORGA

## EPIGRAMMA

Convidei o primo Sá,
Para comer um podim;
Sá, que se pella por doces,
Disse-me logo que sim. . .

Chega a hora da festança,
Descobre-se o doce prato,
Sá lambeára o podim
Se tivéra sido o gato!

O que a todos espantou,
Nesse lance desastrado,
Foi *rinhão* ter ido á festa
Sem ter sido convidado! . . .

Quantos brutos há, no mundo,
Que, por menos de um podim,
Como *rinhãos* destemidos,
Se tem condusido assim!

GARD'A VOUS... TEMOS COMETA

## AVISO AO PUBLICO

Vou-te dizer, meu leitor,
Uma coiza sem ser pêta:
Vamos a ver, qualquer dia,
Mais um luzido cometa!.......
Tantos são os que hemos visto
Que, por mais esta careta,
Não cearemos com Christo.

Os cometas, quasi todos,
Andam por grandes alturas,
Este, se a fama não mente,
Ha-de vir por mais baixuras . .
Gente grande, e alentada
Cautella. . . Dobrai o corpo
Se não *qr'eis dár* cabeçada . .

Nós (baixos) iremos indo
Com saude e branda paz. . .
Os cometas mais cometas
Já lá vem muito de traz. . .
Se voltarem, triste sina,
Verás com que devorante
Nos reduzem *á divina !*..

Este cometa, ao que dizem
Os profetas sabichões,
Que de longe profetizam
Tremores e furacões,
Ha-de cozer o legume,
Nos maiores caldeirões,
Sem que se ponham ao lume.

Hade nos pôr a moleira
Torrada que nem carvão...
Sua luz será tão forte
Que nem a luz de um tição...
Os resingueiros do norte
Verão por fim a razão
Sem recorrer a Mavorte...

Quando um cometa apparece
Sempre traz coiza de nota;
Deste diz certo profeta
Que ha-de haver grande batôta
E, se não mente o magnata,
Pr'aos figos de capa rôta
Inda haverá mais batata.

Em fim : quem viver verá
As devidas concluzões :
E' duro, caros leitores,
Que haja destes figurões. . .
E que só venham, cometas
Pelos tempos d'eleições,
Misturados de outras petas. . .

## A CARIDADE

—

Caridade!... Bem supremo!
Divino raio de luz!
Onde estas? Onde essa vóz,
Que nos foi legada... A nós...
Lá desde o alto da Cruz?!!

Terá caridade aquelle
Que, a ferver em devoção,
Espalhe rios de cobre
Pelas mãos de quanto pobre
Ache, ao sair do sermão?

Ou esse que *sem comedia*,
Com pio braço escondido
Foi prestar doce agasalho
Ao artista, sem trabalho,
Honrado mas desvalido?

Terá caridade aquello
Que nos dê segura espr'ança,
Pelas privações presentes,
Dos gosos omnipotentes
Da suprema aventurança?..

Ou esse que condoido
Do enfermo em afflição,
Ou da familia opprimida,
Lhe preste apoio na vida
Dando parte do seu pão?...

Terá caridade aquelle
Que proteger a donzella
Para melhor *réussir*,
Apezar de a ver carpir,
Nos horrores da procella

Ou esse cuja nobreza,
No firme peito gravada,
Sem pedir premio á belleza,
Resistir a natureza
Pr'a salvar a desgraçada?..

Terá caridade aquelle
Que, d'ouro, estraga montões
E determina aos criados
Que affastem os desgraçados
Dos umbraes de seus portões?!!

Terá caridade o homem,
Escravo do seu dinheiro
Por vezes ganho em usuras,
Em tricas, e travessuras.
Ou nas honras de *negreiro?*

Terá caridade?.. Basta
Leitor... Paremos aqui...
Ser caridoso é tal bem
Que todo o mortal o tem
Quasi sempre, só de si...

Caridade ! . . Bem suppremo
Divino raio de luz !
Onde estas ? . . Onde essa voz
Que nos foi legada . . A nós. . .
Lá desde o alto da Cruz ? ! !

## MOTE

Esta espoza, que aqui está,
Não a trocarei eu,
Nem por thesouros da terra,
Nem pelos anjos do céó.

## GLOZAS D'IMPROVIZO

Pintal-o não poderei,
De graças este montão,
Este meigo coração
Qu'é o meu Deos, minha lei...
O thesouro que eu achei
Nenhum vivente achará;
Eis quem na terra fará
O que a sorte me não fez,
Sou feliz por ser Ignez
Esta esposa que aqui está!

Se por ventura me dessem
Faculdade d'escolher
A mais formosa mulher
Que os anjos formar podessem;
Se *Gran-Senhor* me fizessem
A troco do peito seu;
Se affrontando o fado meu,
A *semi-Deus* m'elevassem,
Por mais e mais que a trocassem
Não a trocaria eu.

Boa mãe, esposa querida,
E' mui raro d'encontrar,
Quem tal joia pode achar,
Acha o ceu durante a vida;
D'este mundo assim, na lida,
O mortal menos se alterra
Pois o mal, que a vida encerra,
Vendo, ante, si esta egide
Não se atreve, não progride
Nem por thesouros da terra.

Graças mil, Senhor, vos dou
Qu'o infinito regeis;
Nem potentados, nem reis,
São felizes como sou...
Na minha Ignez encerrou
A natura o primor seu;
No coração que lhe deu
Acha a virtude brasão...
Eu não a cedo, oh que não,
Nem pelos anjos do ceu.

## NOSTALGIA

Queres te diga, leitor,
O que seja nostalgia?..
Ouve attento: é a lembrança,
A doce melancolia,
O pezar que nos suffoca
N'essa época fatal
Em que, pela vez primeira,
Deixamos nosso casal,
Nossos paes, o bosque ameno
Que nos viu rir, e chorar;
A fonte, o rio sereno,
Onde o barquinho pequeno
Iamos ver bordejar!

Queres saber, meu leitor,
O que seja nostalgia!..
Ouve attento: é a voz de Deus
Em tod'a su'armonia...
A voz, attrahente e pura,
Que une a vida á creação,
E' a voz desinteressada
Que não conhece ambição...
E' a luz que nos arrasta
Ao logar que a luz nos deu;
O iman que nos affasta
D'illusões de tod'a casta
Pelas dilicias do ceu!

Queres saber inda mais
O que seja nostalgia?..
Ouve attento: é a saudade
Que nenhum goso sacia,
Quer na furia do combate
Quando ressoa o tambor,
Quando se grita —*victoria*
Victoriando o valor...
E', no riso e n'amargura
O que o mortal sente em si,
A santa voz da natura,
Que lhe brada, com ternura...
—Vivente... Nasceste alli!—

Queres da lyra não pare
N'estas vozes de harmonia?..
Que mais detido te cante
Primores da nostalgia?..
Sabe que o indio, o chinez
Judeu, arabe, e christão
Todos tem da nostalgia
Sementes no coração!..
Todos amam seus costumes
Seus trages, o seu idioma,
Todos morrem por seus reis,
Por seu culto, por suas leis,
Sejam de Christo, ou Mafoma!

Eis o platonico amor,
Os accordes de Camões,(1)
O valor de Joanna d'Arc,
A furia dos Scipiões,
O soffrer de Belizario,
Os brios de Egas Moniz,
O martyrio de Corday,
Gloria do seu paiz...
Eis o fogo da vestal
Vivo em nosso coração;
Eis o supremo ideal
Reduzido a cabedal
N'este mundo d'illusão!.,

(1) Vereis amor da patria não movido
Do premio vil, mas alto e quasi eterno.

## A CHARLANATERIA

### PIPAROTE

Tão gordos, em lettras, são,
Esses monstros de saber,
Que, ás vezes, chegam a ter
Suas caras de papão...
Se de lá nos dizem—*ão*—
E nós lhes tornamos—*em*—
Muitos, dos seus, logo vem
De ponto em branco, na lança,
As ordens, quaes Sancho Pança,
Do Dom Quixote que tem...

Nós outros, que nunca fomos
Medrosos de Quixotadas,
Damos fortes gargalhadas
Co'as edições d'estes tomos;
Nem mesmo em guarda nos pomos
Contra seus botes picantes...
Quando fomos estudantes
Tivemos turras de pezo,
Hoje damos ao despreso
Pedantaria, e pedantes...

## A FÉ

—

Fé!.. Origem de mil crenças,
Essencia do Creador,
Nas tempestades da vida
Dás força descomedida
Ao triste navegador!

Por ti se arroja o soldado
Dos combates ao vulcão;
Por ti soffre o padecente
A tortura, a chamma ardente,
Com firme resolução.

Por ti se viu já o mundo
Nadando em rigida guerra,
Sossobrando entre os horrores
Da crença, e dos impostores
Que tem dominado a terra.

Por ti só, votos severos,
Vae prestar a virgem pura;
Deixa bens, deixa parentes,
Morre viva, entr'os os viventes,
Nas solidões da clausura!

Tu és santa... Essas desgraças
Que te imputam, sem rasão,
Tem-as forjado a maldade
Nas furnas da sociedade
Repassadas de ambição...

Fé!.. Origem de mil crenças,
Essencia do Creador;
Nas tempestades da vida
Dás força descomedida
Ao triste navegador!

Olha a mãe, cujo filhinho
Proximo está de morrer,
Ve-a, de rojo, com fé,
Como péde, espera, e crê
Que o ceu lhe queira valer!..

Olha o nauta, na tormenta,
Batido por ceus, e mar,
Abandonado ao destino,
Como lucta, em desatino,
Na crença de se salvar!

Sem ti o valor humano
Não fôra tão arrogante,
Quer attravessando os ares,
Quer fendendo extensos mares
Sobr'um lenho vacilante;

Teu poder, balsamo santo,
Excede a comparação,
Té mesmo o bruto perdido,
Entr' a fé, entre o gemido,
Corre em busca do patrão!

O mais supremo infeliz,
Esse mesmo inda tem fé
Quando, após horrida sorte,
Vendo refugio na morte,
Dos bens do ceu não descrê.

Fé... Origem de mil crenças,
Essencia do Creador;
Nas tempestades da vida
Dás força descomedida
Ao triste navegador!

A PEDIDO DE UMA SENHORA PARA OUTRA

## Improviso

Nas crises da minha vida,
Tendo o esposo a findar,
E da mãe, perdida ha pouco,
Saudades, penas, chorar...

Nesse pelago sem praias,
Nessa vasta solidão,
Onde tudo se confunde,
Onde naufraga a rasão;

N'esse universo de angustias,
De amarguras, de saudade,
Onde o mal só se amortece
Nos carinhos d'amisade.

D'este remedio celeste
Pude ter doce quinhão,
Era o vaso que o continha
Teu bondoso coração...

A chaga cicatrisou-se,
A saudade, oh!.. Essa dura
Mas dôr fôra e não saudade.
Sem teu remedio que a cura.

## MARAVILHA

Se foi assim, foi ratão
Foi caso pasmoso!.. Novo!..
Tocarem sinos a fogo
Por se andar ao cachação!!!
Certo *Andre*, grande pimpão
(Suppomos qu'enamorado)
Tendo sido bem tozado
Sentiu taes chammas nos lombos,
Que, depois de andar aos tombos,
Teve de ser esguichado!!!
Assim é, caros leitores,
Que no mundo, certos dias,
Devêra tocar-se a fogo,
P'ra curar certas manias...

AO EXM.º SR. T. O. DA MATTA ARANHAS

## EPIGRAMMA

Salve, terror dos *bichanos*,
Mil parabens senhor T. O.;
N'esta quadra em que vivemos
Muito favor nos farias,
Se acabasses co'as arpias
Que nos devoram sem dó...
Em vosso nome acho-eu
Vossas pomposas façanhas;
Nem papel de matar moscas,
Nem os pós insecticidos
Deverão ser preferidos.
*A T. O. da Matta—Aranhas*

## ACROSTICO

Já perdido aquelle filho
Onde punha meu esperar,
Andei a ver quem suprisse,
O seu saudoso logar...
Busquei nos filhos e esposos,
Amigos e verdadeiros
Paes, e manos carinhosos:
Tirei a sorte, e a sorte
Indiff'rente m'enganou;
Suppliquei ao ceo, que surdo,
Taes rogos não escutou;
Andei pela terra inteira,
De nada colhi meu fructo
Em raça humana interesseira...
Frustrados os meus desejos
Rancoroso, e despeitado,
Em silencio hei resolvido
Incobrir o meu cuidado.,.....
Tinha-se esgotado o fel...
Achei!!! Lêde o que eu buscava,
Sobr'a margem do papel.

## AO SOL

—

Astro do dia, protector celeste
Na luz, calor, e bens que dás ao mundo;
Febo, Facho Vital segundo os gregos,
Tão potente e fecundo!..

Jheova das gerações mais recuadas,
Se Heleopolis, te sagrou o Egypto,
Cohortes de magos pelo ceo notavam
Teu circulo descripto!

Em teus raios de luz palpita a vida
Palpit'a, morte quando irado inflammas;
Servido, pelos mundos que alumias,
Sol, de ser *só*, te chamas.

Mytra dos Persas, Orus dos Egypcios
Da velha Quito, divinal escudo;
Ali, que só no ceo maior te mostras,
Eu, d'aqui, te saudo!..

Fixo, no centro, vês rodar em torno
Purpureos globos, de tua luz dourados;
Serve-te Venu s, da belleza deusa
Teus mundos por criados.

E's tão supremo, nos teus dons sublimes,
Que, sábias seitas, d'alma, te dotaram(1)
Capaz de vicios, premios, e virtudes
De tudo a consideraram! (2)

(1) Os Pytagoricos Platonicos, e Stoycos.

(2) Oxigenes admittia no sol a existencia de uma alma rasoavel susceptivel de vicio e virtude, e subjeita á redempção e condemnação. Esta idea foi reprovada pelos padres á excepção de Santo Agostinho que se limitou a incerteza.

Que nos importa que no firmamento
Milhões de soes nos descortine a sciencia?..
Se, nenhum delles, como tu, nos cede
Formal benificencia?!.

Que nos importa sejas mais pequeno
Que Lyra, Syro, Jove e Aldebarão,
Se, por ti só, se veste a terra inteira?!
De rica producção!

O que val que teu rosto nos offerte,
Por vezes manchas, ou porfundos córtes,
Se assim mesmo sombrio, e lacerado,
Nos dás vidas, e mortes?!.. (1)

(1) O sol tem-se por vezes mostrado aos observadores com manchas escuras, em partes que eram mui brilhantes, e com fendas em sitios, que eram lisos.

Nascem o raio, a chuva, a tempestade
Desse raio de luz que ao mundo envias,
Palpitam nelles o tufão e a brisa.
As noites e os dias!

Destróes, com teu calor, quanto criaste
Crias, com teu calor, o destruido...
Assim morrendo, e renascendo os seres,
Tem o mundo existido!..

## COISAS DO ARCO DA VELHA

No nosso encontro de ha dias
Passou-me de lhe dizer
Uma coisa de tremer
Pelo terror que me fez!...
Hoje fallar a verdade,
E' perigo, e difficuldade...

E gritam que não ha bruxas,
Fantasmas, sombras, e trasgos!!!
Vae ver, amigo, que rasgos
De furibundo terror!!!
Ha-de pasmar e tremer
De quanto lhe vou dizer...

Eu vi uma vez... Um dia ..
Minto, qu'era noite escura,
Surdir, d'uma sepultura,
O corpo de minha avó...
Com os olhos d'espantar,
Que pozéra, ao esticar!!!

Trazia suas anquinhas,
Pois, no tempo dos calções,
Não se usavam os balões...
Trazia, em vez de chouriços,
Estopelado chinó...
Já se vê, tudo de pó!...

Poz as cangalhas na penca,
E disse; «Viva netinho...
«Como está bem creadinho!..
«Como vae isto por cá?
«A vida, na outra vida,
«Vamos... Não dá tanta lida...

Avó... «Respondi tremendo,
«Eia .. Fiquemos distantes...
«Fartos de sombras errantes
«Andamos nós por aqui!!!
«Deixe passar o terror,
«E serei ao seu dispôr!

Em quanto assim lhe fallava,
Fazia figas co'a mão,
Co'o pé um sino saimão,
Rezava o credo, em voz baixa. . .
Minha avó, sempre defronte,
Ia fungando simonte.

Alguns minutos depois,
Ja mais affeito á visita
Contei, á cara velhita,
O que lhe vou referir. . .
Amigo, tenha valor,
A coisa causa pavor. . .

Era o anno trinta e dois,
D'este seculo feliz,
Estava eu em Pariz
Estudando a medicina;
Morava, como emigrado,
Muito perto do telhado.

Tinha outro companheiro
No quarto fronteiro ao meu,
Emigrado como eu
Seguindo egual profissão ;
Desde mezes, ambos juntos,
Retalhavamos defunctos.

Havia mais um terceiro,
Portuguez tambem fugido ;
Fôra major atrevido
Contra a fera usurpação :
Esse, por ter mais dinheiro,
Habitava no primeiro.

Estavamos no inverno . . .
Dos patricios, o visinho,
Foi-se que nem um anjinho,
Pelas estradas do céo,
Fazendo em si experiencia
De toda a sua sciencia.

Morto, que foi, fomos nós
Seus restos acompanhar,
Té horas de o enterrar
No fomoso *Per Lachaise*,
Derradeira despedida,
Qu eá morte tributa a vida,

Amortalhado o finado,
Foi estendido no chão,
Amarradas, com cordão,
As mãos como lhe se fáz,
E a cabeça encapuzada
Pósta sobre um'almofada.

Tambem se pôz uma meza
Em frente da chaminé,
Coisa sabida come é,
Qu'em Paris os quartos tem:
Na fornalha ardia mal,
Algum carvão mineral.

Ainda mais lhe puzemos
Dois castiçaes sobre a meza
Com vella de cera aceza,
E a cruz do Redemptor...
Foi a final, cada lado.
Por um de nós occupado.

Ia a noite a mais de meia,
Com frio dos mais gellados;
Nossos queixos, destemp'rados,
Dobravam a bom dobrar,
Não como sinos carólas,
Mas em ár de castanholas.

Tinhamos grandes capotes
De capuz, e de canhão;
Ardia o negro carvão,
No meio da chaminé,
E nada d'isto valia
Contr'aquella noite fria!.,.

«Que gelo, de mil demonios,
Diz o major companheiro,
«Vou basculhar, no primeiro
«N'uma botija que tenho
«Se deitará aguardente
«Que nossas pelles aquente...

Disse, e pegou n'uma vella,
Outra ficou, e o defuncto...
Co'a frieza, meu bestunto,
Foi cahindo n'um torpôr...
Eis que, de subito, o chão,
Estoira qual um canhão!

Eu, do somno espavorido,
Accórdo sobresaltado,
E vejo!.. O bom do finado
De braços mui espetados,
Assim a modos .. Em ar
De me dever abraçar!...

De nada servo a coragem,
De nada serve a rasão,
Quando, para reflexão,
Não ha tempo de a ter...
Verdades devem ser francas...
Contra medo, é dar ás trancas...

Assim o quiz eu fazer,
Mas tão tonto, e atrapalhado,
Que espalhei pelo sobrado,
Meza, crucifixo, e vella,
Vendo-me só, ao clarão
Da triste luz do carvão!...

Eu!... Façanhudo estudante
Nos cursos d'anatomia!..
Affeito, de noite, e dia,
A espatifar defuntos!...
Eu!... No valor tão robusto,
Estive a morrer de susto!...

D'um pulo, como se fôra
Corça, coelho ou veado,
Saltei pelo amortalhado,
Ganhei a porta da escada,
E mesmo assim, maldicção!!!
Fui filado no canhão!

Não quiz saber de rasões,
Abandonei o capote,
Quem quizer ser D. Quixote,
Que o seja, que não eu...
Confesso que o tal enredo
Me mudou o frio em medo!...

O caso fôra singello,
Do defuncto a rigidez,
Partira, ás duas por trez,
O cordel que as mãos prendia,
E os braços, com promptidão,
Tinham batido no chão!

Quanto ao capote ficára,
Da porta, ao feixo pegado,
Em vez de ser o finado
Que m'o tivéra prendido...
Inda me dóe o bestunto
Quando penso no defuncto!..

Minh'avó ouvindo isto,
Soltou forte gargalhada,
Com qu'a bocca descarnada,
De todo se descobriu...
Eu de susto embatuquei,
Compuz-me, e continuei...

Era no anno cincoenta
D'este seculo do ceu...
Em Mafra me achava eu
No collegio militar,
Onde tiv'a minha espada,
E uma coisa encarnada.

Fui chamado para ver
Certa enferma (que da vida
Não fazia a despedida,
Com saudade de um doutor)
Coisa pouco lisonjeira
Vindo a noite sobranceira.

Que remedio?.. Fui, e vi
Aquem me não viu a mim!
Á morte pozéra fim
Á pobre, sem eu chegar...
Em vista de mal tão forte,
Passei-lh'o seu passaporte.

Na volta... Er'alta noite,
Quando cheguei a Cheleiros;
Não havia candieiros,
Mas havia seu luar,
Que mostrava o presbyterio,
Ao lado do cemiterio.

Eu fictava minhas vistas
Nos brancos muros da ermida,
Pensando na outra vida,
Sem saber que vida é,
Com aquella devoção,
Que nos causa a solidão...

De repente paro, e pasmo,
Pois lá da porta da egreja,
Vejo alguem que me aceneja,
Em menção de me chamar!...
O meu cavallo assustado,
Pára, e rincha seu bocado...

«Eh lá, patrão, digo eu,
«Exponha o que quer de lá...
A coisa acena, e não dá,
Nem palavra, ao meu dizer...
Eu... Trajando á militar,
Quiz-me fazer respeitar...

Saco da minha catana
Ponho-m'a pé, levo á mão,
Ao rocim, cuja razão,
Parece gritar, *prudencia*,
No muito esforço que faz,
De me puchar para traz...

Avanço d'espada em punho,
Contra a coisa que abanava,
A qual eu interpellava,
Que nem um grande orador...
Chego assim, com valentia,
A' porta da freguezia...

Mas!.. Que vejo!.. E' singular!..
Estava comigo a contas,
(Desapegada das pontas)
Uma folha de papel!,.
Papel! Que digo!.. Um corisco
Contr'os que devem ao fisco!..

Minha Avó quando escutou
O desfecho d'este conto,
Dezatou a rir, a ponto,
Que lhe caiu o chinó!...
Tapou a calva... Tossiu,
Abençoou-me e fugiu!..

## O BICHO HOMEM

Queres, em duas palavras,
Saber o que os homens são?..
Vais ouvir tanta verdade
Que, pregada por um frade,
Passaria por sermão.

Os homens não são mulheres
Não o são... Graças a Deos!..
Co'a maldade masculina
Posta lingua femenina
Faria tremer os céos!

Os homens são certos bichos
Viviparos, de dois pés...
Muitos ha que andando a quatro,
Do mundo no vil theatro,
Nos fazem menos mercês!..

O homem fora por certo,
A coroa a creação,
Se no peito não nutrisse
Falcidade, mandriice
Egoismo, ingratidão..,

O homem, por seu interesse,
É vilão adulador,
Sevandija, saltimbanco,
Coxo, cego, mudo, manco,
Traidor, ou conspirador:

O homem, por bom que seja,
Se tem a força na mão,
Desfigura, a liberdade,
Calc'aos pés a humanidade,
Fech'ouvidos á rasão...

O homem, se tem dinheiro,
Se o dissipa em loucura,
Ou, se é preso d'avareza,
Leva a tal ponta a vileza
Que se ri da desventura!

Se é grande quer ter nas veias
Sangue verde ou sangue azul;
Se pequeno só cogita
Em pilhar thesouro ou fita
Com que se *faça taful*...

Se é creado quer ser amo,
Se amo é quer ser senhor,
Apoz senhor quer ser nobre,
E a final: de triste pobre
Viz'a ser imperador...

Mundo insano, e caricato
Quem de ti não terá dó?!.
De ti, e dos pobres tontos
Cujos fumos vão a pontos
De se esquecerem do pó!!! (1)

Alto lá, triste futuro,
Fria morte qu'arripia!..
Cada qual *se faça gente*,
Seja nababo, ou tenente,
Ou cabo da freguezia:

Eu mesmo, que assim vos fálo,
Conto sair do meu sério,
Conto ser *Gran Frigideira*,
Capitão da chuxadeira,
Ou senhor de grand'imperio!..

(1) Memento homo qui pulveris
Est et in pulverem reverteris.

Se assim se dér, meu leitor,
Has-de ver como remexo...
Do mundo, n'aventurança,
Heide-me dár pouco á dança,
Para dár melhor ao queixo...

## EMBLEMA DA VIDA

Palida a roxa aurora se assomava
D'alem das altas serras do nascente;
Palido o liso mar embaloiçava
Em seu berço o baixel serenamente;
Aqui, alli, alem s'esvae a estrella
E, do porvir, a brisa arqueia a véla.

Já pouco a pouco as terras s'encobriam
Já pouco a pouco o nautas divizavam,
Os bens que apressurados lhes fugiam,
Nessas margens saudosas que deixavam,
E quando, em si, Neptuno as escondeu
Pasmaram tristes entr'o abysmo, e o céo.

Calado Eólo, placidos os mares
Aos navegantes o descanço offerta...
Empalidece o sol, toldam-se os ares,
A postos, brada o mestre, alerta, alerta,
Assombra ao coração a escuridade,
Lá vem mugindo ao longe a tempestade.,

Impavido aquillão entr'assobios
Contra Euro alentado trava guerra;
Muda o torrido sul em chuva os rios,
Nos mares pondo serra sobre serra
Sem que se assuste d'insistir nos trilhos
Desses gigantes trez, da terra filhos!!!

Fuzila o raio estala o estampido
Com que o feio trovão affronta o vento;
Dos nautas sobra esforço e alarido,
Com que buscam salvar-se; vão intento!
Pedem perdão a Deus, piedade, á sorte..
Quem lhes vem acudir? A mão da morte!

Eis o triste painel de nossa vida
Cuj'aurora feliz rapida passa;
Cuja viajem curta, ennegrecida
Perde o rumo, nas ondas da desgraça;
Cujo sereno porto de ventura
Tem por manço limite... A sepultura:..

# A CAMÕES

Camões, grande Camões, genio sublime,
Ornamento da patria decadente,
Oh!.. Quanto de teus sons a lyra exprime
O muito que adoraste a lusa gente!..
Permita o céu que minha voz se anime,
Que eu te cante, com força omnipotente
Como cantaste, dos antepassados,
*As armas e os varões assignalados:*

Se déste ao rei o sangue, a Lysia a gloria
Nenhum premio tiveram tantos feitos
Se não foi que viveu tua memoria
Gravada em pobres mas honrados peitos!
Lavre-se a folha da nefanda historia
D'ingratos corações, cujos defeitos,
De rojo levarei a toda a parte
*Se a tanto me ajudar engenho, e arte.*

Embalado por muzas, por amores,
No manso leito do formoso Tejo
Recebeste das aves e das flores
Lições de terno amor n'um vão desejo;
Perseguido por odios, por furores,
Mal que de te salvar tivest'ensejo,
Fugiste ás iras affrontaste os fados
*Por mares nunca de antes navegados.*

Alli correste á lei do teu destino,
Desejoso, talvez, de achar a morte,
Servindo Apollo, com fervor divino,
Servindo a patria, com teu braço forte;
Sentindo n'alma o aguilhão ferino,
Que nos lacera, nos vaes—vens da sorte
Na fera lista dos que jazem vivos,
*Para verem trabalhos excessivos!..*

Volveste á patria sem brasões sem ouro
Sem protecção nem tem titulo. sem nome!
Trazias teu poema por thesouro,
Genio por dotes, que entre nós é fóme...
Tarde... Bem tarde te aguardava o louro
Qu'invejas prestam, só ao que se some;
Pois malfadado é quem dos viventes,
*Socorro péde a amigos e parentes!...*

Aqui, nesta Lisboa, tão luzida,
Sem abrigo, sem pão, triste Camões,
Em misero hospital perdeste a vida,
Cançado de crueis ingratidões,
N'um preto, escravo, só achou guarida,
Teu soffrer, tuas duras privações,
Assim aos luzos de saber, e fama
*Triste ventura negro fado chama.*

Astro, no céu des'que deixaste o globo,
Brilhante luz, no vasto firmamento,
Com quanto dó não fixarás o povo,
Que despresou teu divinal talento !!!
De que te serve um monumento novo
Se tens, nos versos teus, um monumento?!!
Camões...Não contes com padrões dos nossos
É povo ingrato que perdeu teus ossos ! ! !.

## A PASMACEIRA

No Circo de Price houve,
Indizivel bicharia,
Para ver dois elefantes
De grande sabedoria!

Os brutos pasmaram vendo
Do povo tanta parelha;
Dos brutos pasmou a gente
Vendo a tromba, o dente, a orêlha:

Foi pasmaceira de pasmo,
Foi pasmo de dezatino,
Quando as trombas se movêram
Que nem badalos de sino!

São coisas que naõ m'espantam,
Nada é novo para mim;
Os brutos sempre agradaram,
O povo foi sempre assim....

## SONETO

Diz a tuba da fama retumbante,
Não marcarei ao certo, qual o dia,
Que uma *Dona* cheirando a fidalguia
Não digo bem *a azeite*: é voz constante

*Dona*, dizia eu, mui deslumbrante,
Senhora de cazaes, ao que dizia,
Pozéra, por engano, a ametulia,
Por entre a saia do balão tonante!

Trazia mais, ao cóllo, seu filhinho,
Que, por vezes, deitava, da carinha
Seus pingos de suor cheirando a vinho!.

A final: era um odre a criancinha,
Teve um *guarda-barreira*, por padrinho
Teve a casa da guarda, por madrinha..

## DESABAFO

A mulher, que Deus crioo,
A' custa de uma costela
Que, do pae Adão, tirou,
A todos nos desgraçou
Mal que se vio de goéla!..

Engulia certa batata,
No seu primeiro desejo,
O fructo soube-lhe a nata,
Que nos não saiu barata!!!...
Antes lhe soubera a queijo.....,

Em todo o cazo: seus olhos
São cordeal não pequeno;
E' pena só que o remedio,
Seja, por vezes, veneno...

## Á MEMORIA DE A. A. SOARES DE PASSOS

Fulgurante estrella desde os céos descida
Desse espaço immenso de um correr sem fim,
Porque assim brilhastes, nos vais-vens da vida
Para, tão ligeira, nos deixar assim!!!

Tu que, nos teus cantos, gratos sons nos davas
Ora de ternura, de meiguice, e amor;
Ora d'heroismo, quando nos cantavas,
Hymnos ao paiz, gloria ao Creador!..

Qual a roxa aurora que nos céos desponta,
Com que a verde relva de prazer se ri,
E logo, em seguida, quando o sol a affronta,
Chora... Assim, oh Passos, eu chorei por ti!

Sim.. Chorei, meu vate, sem saber quem eras,
Sem que nos ligassem laços de affeição;
Oh! Quem não carpira, a não ser as féras,
Vendo, nos teus versos, o teu coração!..

Ha, nos genios raros d'alta intelligencia,
Raios portentosos vindos desde os céos
Breve aguarda a morte finde a innocencia,
Abrazada a vida por voltar a Deos.

Fulgurante estrella, desde os céos descida,
D'esse espaço immenso de um correr sem fim,
Porque assim brilhastes nos vais-vens da vida,
Para, tão ligeira, nos deixar assim!!!

## A VIDA HUMANA

Vida!! Sonho, meteóro,
Que te mostras no vão da eternidade,
Faisca de luz, perdida,
Que nos chega despedida
Do farol da Divindade!

Qual seria o pensamento,
Quaes os fins desse Deus Omnipotente,
Deixando adornar-se o nada
Dessa luz, d'Elle emmanada,
Que fez, do nada, o vivente?!

Não busquemos descubrir
Do Creador reconditos arcanos...
Já não é pequena lida
Essa cruz, chamada vida,
Que pesa sobre os humanos!

Quaes compridas caravanas,
Succedem-s' entre si, as gerações;
Esta aguarda o dia perto,
Quando aquella, do dezerto,
Vae dormir nas solidões...

Nasce, e morre o triste humano,
Entre vagas da féra desventura,
E vê na vida, em verdade,
Um ponto da eternidade,
Entr'o berço, e a sepultura!

Mas ah!.. Que ponto fatal.!.
Qual a nuvem fallaz que mal se vê,
E que, do nada invisivel,
Levanta borrasca horrivel
Tal a vida humana é...

Desse ponto despresivel!
A' face da suprema Creação!
Quantos odios, ambições,
Guerras, furias, e paixões,
Quantos males se não dão¡?

Pintal-os?.. E para que?..
Qr'eis que vos pônha aqui a triste historia
Do prezente, e do passado?.,
Acazo remiu os homens
O JUSTO crucificado?..

De que serve a sã moral
Que nos pregam na tenra mocidade;
Se, ao navegar pela vida,
Naufrag' a rasão perdida
Nos bancos da falsidade!..

Que tem valido os systemas,
Com que o poder legal se tem armado;
Se o fraco geme opprimido,
Agrilhoado, vencido,
Pelo senhor abastado?!!,

Qu' importancia ha dado o homem,
Aos santos laços de fraternidade;
Se, por um palmo de terra,
Arde o mundo em crua guerra,
Foje a vida, em mortandade!..

Vida!.. sonho, meteóro
Não és raio de luz do Ser Eterno...
Teu brilhantismo é fallaz,
E's a luz de Satanaz,
Posta, do mundo, no inferno!

## JANOTADA A BADAJOZ

Foram-se muitos leões
Pelos carros, nos carrões,
Ver grandes toireações
Dos visinhos castellões...
E' festa mui divertida,
Ver tripas dependuradas,
De cem barrigas rasgadas,
Despedindo-se da vida!!

E' pasmoso que nas quadras,
De gerações illustradas,
Se dêem, destas marradas,
Immoraes e destemp'radas...
Se se tratasse d'esmola
Poucos teriam real
Quando sae, de Portugal,
Tanto toureiro caróla...

Dizem que a China, e Japão
Não tem nenhuma rasão
Quando mourisco, e christão
Mandam sair da nação...
Por mim vejo inda mais torta
Esta nossa mocidade,
Indo aprender crueldade
Com brutos d'ao pé da porta.

Do Pombal, o bom marquez,
Que tão bellas coisas fez,
Disse, por mais de uma vez,
Como leal portuguez...
«Patricios... Tende cautella,
«Não espr'eis nunca bom vento,
«E menos bom casamento,
«Que vos venha de Castella ..

Ah que se hoje resurgisse
O bom marquez, e nos visse,
Praticar tanta doidice,
Parvoice, e bernardice;
Tal seria seu furor
Que déra co'elefante
Da equestre altissonante
Nas trombas de algum doutor.

## O CATURRA

—Senhora... Pode guardal-o
Não gosto do seu peru...

—Mas senhor, elle é assado..,

—E' por isso... Eu quero-o cru......
Leve d'ahi essas bolas...

—Senhor... Está a chover...

—Chove... Or' essa!!! Maldição...
Assim havia de ser...

—Ao que vejo, *Vonhoria*
Tem precisão de sair?..

—A chover!!! Quando eu contava,
Ir-me deitar a dormir!

—A chuva...

—Convida ao somno
Por isso...

—Vai-se deitar?..

—Qual... Se chove...

—Chove muito...

—Deveras?.. Vou passear....

Eis aqui, meu bom leitor,
O typo do figurão,
Que, seja torto, ou direito.
Faz a tudo opposição...

## AO MEU PARENTE J. A. P. L.

Meu José... N'este mundo fingido
E' tão dôce um amigo encontrar,
Quanto é dôce, ao piloto perdido,
Achar porto onde possa arribar;

Se de filho, e d'esposo, e d'irmão
E de pae, tens sentido o calor;
Peza bem, no teu bom coração
Da sincera amizade, o valor;

Este raio divino de luz,
Distillado no seio dos céos,
E' a lei que, do alto da Cruz,
Nos legou a justiça de Deus.

Este laço de amor, e carinho,
Que o orgulho, e traição desconhecem
E' o dote, que trazem do ninho,
Os mortaes que de amor s'ennobrecem

D'esse amor que os sentidos não déram,
Nem os vagos gozares nos dão;
Mas d'aquelle que os céos descreveram,
Pela bocca do sabio Platão...

Eis o mimo, bondoso parente,
Com que brindo, gostoso, annos teus;
Não quiz dar-te da terra um presente,
Pois te offerto um presente dos céos.

## O FUTURO

Futuro! Numen travesso,
Voluvel, por condição,
Ardiloso, nos enredos,
E's tão firm' em teus segredos,
Como facil na traição.

No teu *album* mysterioso,
Mal dicifr' a humanidade;
Teus caracteres sumidos,
Quem os lerá submergidos
Nas trevas da eternidade?..

Ninguem tenha fé nos risos
Do teu variavel rosto;
Nem se julgue desgraçado
Se te vir, amargurado,
Profetizar um desgosto.

Qual o dia, que nascendo,
Por vezes se mostra, escuro,
E brilhante resplandece,
Ou rápido s' escurece,
Tal és tu, fallaz Futuro!

Zombas do rico orgulhoso,
Tão gastador, quanto vil,
Soberbo de sua raça,
Sem se lembrar que a desgraça
Busca o pródigo imbecil!

Illudes o potentado,
Nos seus planos de ambição,
Pois o condemnas ao nada,
Quando julga ter fechada,
A presa, dentro da mão.

Escarneces do guerreiro,
Vencedor de mil campanhas,
Que, no sopro de um pelouro,
Sepult'a vida no louro
D'immaginadas façanhas!..

Assombras o avarento
No seu sordido pensar,
Quando lhe lembras o dia
Em que a sua idolatria
Ha-de aos vindouros legar·

Mas, Futuro, se és travesso,
Voluvel, por condição,
Possues uma certeza
Cheia de maga fraqueza,
Credora de gratidão.

Consolas o pobre, o justo
Na pungitiv' anciedade,
Com tua lei que assegura,
Nos termos da sepultura,
A verdadeira egualdade...

## SONETO

Os versos de Camões são d'energia,
Os de Dirceo, d'amor, e de ternura,
Filinto deu-lhes graça, e brilhadura,
Nos grandes palavrões, de grân valia

Castilho, o cego, nosso heroe do dia
Descreve o que não vê, com formusura,
Nicoláo, para ter melhor ventura,
Pediu seu contingente á poesia;

Eu cá, enchourissado entre doutores,
Com a lyra na mão, que dezatina,
Alinhavo sonetos seductores!..

Ferve nos versos meus força divina,
Tanta que aos meus doentes que tem dores
Os receito em vez d'opio, e de morfina.

Offerta ao meu amigo, o sr. José Maria Christiano, como inaugurador do monumento ao nosso finado amigo, e destincto artista portuguez e compositor de muzica—Joaquim Casimiro Junior.

## UMA LEMBRANÇA

Alli... Naquella fria sepultura,
Restituido ao pó dorme sem vida
O genio raro... O lusitano Orpheu...
Guardemos de seu corpo tristes restos
Pois que a alma é do ceu!...

Poucas vezes seus cantos s'elevaram,
Que não votassem gloria ao Creador...
Mágos accordes, cuja magestade,
Nos definiam, no vibrar dos ares,
O céo... A eternidade...

Casimiro!.. Morrendo, por ventura
Só nos legaste pó?!! Simples lembrança?.
Certo que não.. Se a vida nos condemna
Ao triste esquecimento, ao pó, ao nada,
O merito da pena...

Depois da vida a voz da fama sôa,
Morre da inveja o halito nojento,
Mil cultos chovem, mil adorações...
Vê, Casimiro, como, apoz tres seculos,
Victoriam Camões!..

Tu deixaste no mundo um velho amigo,
Teu irmão, por Apollo... Homem zelozo
De nome portuguez.. Christiano honrado
Salvou teus ossos... Offertou á fama
Teu merito illustrado!..

A pedido da exm.ª sr.ª D. Cyprianna Luizello, em resposta a seu filho que no acto de se chrismar, pertendia mudar o seu nome pelo de seu fallecido, pae e pedia conselho á mesma sr.ª

## SONETO

Que o nome de teu pae tambem tivéras
Fôra desejo meu, filho adorado,
Pois diz-me o coração, que as leis do fado
Teriam de me ser menos severas...

Fôra dôce, pr'a mim (das faustas eras,
Desse tempo feliz. que vai passado)
Chamando agora o pae, ver a meu lado,
O filho a mitigar saudades féras.

Se chrismando-te o nome seu tomares
Terás um nome de honradez subida,
Mas não o qu'el' te pôz ante os altares..

Em tal escolha a sensatez duvida...
Seja ella qual fôr, o que adoptares,
Prestará preito á morte, ou amor á vida

## O PRINCIPIO UNIVERSÁL

Aos mortaes assombra o raio,
Por ser brilhante e velóz,
Não serás, oh pensamento,
O raio do entendimento
Que brilhas e saes de nós?

Será da vida o principio
Simples electricidade,
Agente do machinismo
Que pôz, em nosso organismo,
Reflexos da Divindade?..

N'outros tempos teve Jóve
Respeitosa adoração;
Era dos ceos o regente
Considerado omnipotente
Por ter os raios na mão;

Os letrados, os artistas,
Os poetas, os doutores
Dizem, desde o tempo antigo,
Dar Jove prompto castigo
Com seus raios vingadores:

Não me quadram taes dizeres
Filhos do puro ideal;
Eu creio que representa,
O raio que Jove ostenta,
Luz... Principio Universal!

Natura, chamam os doutos
Do termo—*Nat*—Caldeo;
*Nat* é a luz, o calor,
E' o Poder Creador
Dos milhões d'astros do céo.

Das leis, do impulso e forças
Repulsiva ou de atracção
Nasce amor, e antipathia
Pela mão ardente, ou fria
Da suprema creação!

O calor estanca os rios
Repassando d'agoa os ares,
Desenfreia a ventania,
Mil choveiros desafia,
Tributando mar aos mares.

N'este circulo immutavel
Sorri a vegetação,
A morte sustenta a vida
N'uma fonte indefinida
D'eterna reproducção!!!

Se o mineral só não vive.
Sua morte é limitada,
Bem depressa a luz de Deus
N'um raio, vindo dos céos,
Torna a materia animada!

O pó animado vive
Vida curta e transitoria
Variavel na figura;
Escrava da sepultura
Onde s'esvae a memoria!

Eis, de sabios numerosos,
A profunda convicção,
Por mim athomo vivente,
Acho, em Deos Omnipotente,
A melhor explicação!

## SONETO

Sei que me hão-d'imprimir depois da vida
(Desconchavo, sem duvida, bem torto)
Quer morto impresso, quer impresso morto,
Terás, meu impressor, penosa lida.

Entre nós é mania já sabida,
(Sirva-nos isto ao menos de conforto)
Louvar os ossos do passado aborto,
Depois da carne andar mui bem mordida.

Pobre de quem nasceu, se da pobresa
Escoltado se fôr á sepultura,
Apezar do trabalho e da firmeza!

Bem faço eu pois n'esta conjunctura
Vou dando á luz, nos versos, a magresa
Por ver se alguem, na vida, m'osprocura

## BANDA MARCIAL

Para um regimento do Tupinambas
Patagaões, Tapuias, Cafres, ou coiza
o valha.

Eu tive um sonho esta noite
Bem digno de se contar;
Foi: que a banda de um regimento,
*Em vista do meu talento*,
M'incumbiram de arranjar.

Foi buscar os clarinetes
Nos requerentes a empregar,
Pois reqr'er, nos, nossos dias,
E' das peiores manias,
E' negocio de buffar...

Convidei, pr'a cornetins,
Certos *pandigos* ratões,
Que tendo *femeas* bonitas,
As deixam a cozer fitas,
Emquanto vão ás *funcções*...

O flautim achei-o logo
No vapor da ferrea via;
Dava guinchos tão feridos,
Que, se não tapo os ouvidos,
De certo ensurdeceria!

Fygles, trompas, e trombones,
Instrumentos de alegrar,
Poude achal-os, sem demora,
Nos brutos, que a toda a hora,
Correm Lisboa a zurrar...

Tambores, e bumbo oh céos!..
Tirei-os dos agiotas,
Dos de bandulho crescido
Fartos de terem comido
Infelizes, e *janotas!*..

Em paga dos meus serviços,
Pela gente que arranjei,
Ia pr'a ser nomeado
Primaz, no londum chorado,
Quando, em *riquebro*, acordei...

Aos calores de agosto de 1864, epoca do apparecimento de um cometa guarda avançada ao que dizem, de outro que nos obsequiará em 1865.

Irrorio, Senhor Cometa,
Quanto, só, nos faz suar,
E' de crer, nas regiões,
Onde ha *féros cometões*
Anda tudo a distillar.

Entre nós, depois do vinho,
Vamos ter, d'agoa, escacez;
As fontes vão-se seccando
Ao muito qne as vae chupando
Abrazadora avidez.

Sua mercê já nos tem
Fundindo tanto miolo
(Na gracinha que nos fêrra)
Que muito povo, de terra,
Merece as honras de tolo.

Carne, toucinho, manteiga,
Carvão de cepa, e de sobro,
Unto azeite, cebo e vinho,
Tudo está derretidinho
De modo a valer o dobro!..

Se o papel se derretesse,
Dentro de certos cartões,
Era coiza mui *janota*,
Que subisse mais a quota
Nas novas *repartições*.

Repartições isto é:
Chama-se hoje repartir
Ao direito d'ir buscar...
Repartir já não é dar
E' tão sómente exigir!

E digam lá que os cometas
Não são crueis figurões
Que não trazem carestias,
Guerreias, epidimias,
Com desbastes de tostões!

Nada mais era preciso,
Nestes males tão sentidos
Dos cometas e calôres,
Do que, apoz fomes e dôres,
Ficarmos —*uns derretidos.*—

Asseveram que, pr' ao anno,
Hemos de ser visitados
Por um rabudo cometa,
Que, a não ser caso de peta,
Nos tocará nos costados...

Vou já fazer a proposta
Por ahi, por toda a parte,
Que se leve, do Alterro,
Algum caminho de ferro
Té Venus, Saturno, ou Marte...

Pois, terminada que seja,
Esta salvação dos povos;
Mal que o *bruto* ande nos ares,
É dar logo aos calcanhares,
Para algum d'aquelles globos

Nem todos hão-de fugir.
Muitos, presos d'ambição,
(Financeiros dos *janotas*)
Só se valerão das botas
Se levarem trambulhão ..

A certo desafio que houve em Pariz entre duas costureiras por causa de um alentado alemão que se fazia Cupido a respeito de ambas.

## SONETO

Na força do furor, duas *grizétes*
Por causa d'um gigante d'Alemanha
Tiveram, sem temer, a gram façanha
De se descabellar pelos tupétes:

Uma d'ellas jurou, aos seus colchêtes,
Com sangue só punir furia tamanha;
A outra, qual panthera que se assanha
Arranjou, d'entre as unhas, dois florêtes,

No bosque de Bolonha foi marcada
A hora do tremendo desafio,
Ou antes da grandissima farçada;

Alvoroçou-se o mundo, em corropio,
Todos quizeram rir da paluscada...
Até eu, que não vi, tambem me rio!...

*

## AO VEZUVIO

Que monte será esse cuja encosta
E' qual bordado pano de um caixão?!!
Que sobe a custo o viajante inqueito
Pulsando-lhe de mêdo o coração?...
Que affasta de seu vertice abrazado
Aves, e plantas, vida, e creação?..
Que de cinzas e fogo, n'um diluvio,
Sepulta gerações?.. Eis o Vezuvio..?

Terror dos vivos, larga sepultura
De Pompeia, Herculano, e mais cidades,
Assim mesmo, a dois terços da subida
Ostenta uma capella e varios frades!
E, porque a terra seja mui fecunda
Tem seus habitadores e herdades;
Tanto é certo que o perigo desfalece
Perante a seducção do vil intr'esse.

São Salvador se chama essa ermidinha
Que serve de conforto aos visitantes;
Perto se mostram arvores perdidas
Quaes firmes sentinellas vigilantes;
D'alli, até ao vertice medonho,
Só ha cinzas e terras vacilantes
Em que o pé atrevido do vivente
Se crava n'um terreno árido e quente!

Chega-se emfim ao sitio desejado
Á cratéra do monstro abrazador...
Insondavel abysmo!!! Ante elle pára
O coração mais firme no valor!..
Assim é que o mortal, de orgulho cheio
Quando lê as lições do creador
Vê do seu nada o nada no confronto
Ao vulcão que, pr'a Deus não vale um ponto!...

Altas montanhas, vertebras do mundo,
Em córte vertical se patenteam
Exhallando vapôres sulfurosos
Dos reconditos seios que se atêam;
No fundo da caldeira estrepitosa
Faiscas abrazadas serpenteam...
Assim, em miniatura, ostenta o Eterno,
Aos olhos dos mortaes, o feio inferno

Eis que, de fumo espesso e denegrido,
Qual horrido fantasma, se apresenta
Columna altiva que, nos ares forma
Copada umbella indicio de tormenta;
E bem depressa, vascillando os montes,
Por toda a parte a terra representa
Dos mares a medonha tempestade,
Atravez de pasmosa escuridade. .

E a serra vulcanica rebenta
Com profundo trovão, atroz, violento,
Arrojando rochedos derretidos
A'[3] longas regiões do firmamento;
E um mar ardente, sepultando as terras,
Reduz a nada o pobre, o opulento,
E as mil centêlhas que o tufão adoma
Vão de Tanger fazer nova Sodoma.

E todo este poder e magestade,
Este fogo central, láva, estilhaços,
Que do mundo, qual bomba de artificio,
Póde, n'um simples ai, fazer pedaços;
Estes horrores, estas maravilhas,
Estas destruições, estes fracassos,
Este fogo que sobe, e cae dos céos,
Não vale um sopro do poder de Deus!

## DESCALÇADEIRA

Formei de me calar solido intento;
Mas qual!.. Hei-de fallar.. Aliaz rebento:
Revolta-m'esse bando de pelludos,
Sabios de taboleta, sem estudos,
Que, não lendo palavra de um folhêto,
Se deitam a berrar: é branco, é preto...

Mizerrimo paiz onde a sciencia
Se põe em pararello co'a demencia;
Onde a prosapia, a charlataneria,
Se confundem co'a sã philosophia;
Ond'a filaucia, entriga, e protecção
Fazem de um papelote um papelão...

Contamos, entre nós, homens de tino,
Modellos de saber e estro divino;
D'estes não fallo eu, mas d'alguns brutos
Formados na sciencia dos charutos,
Qu'a troco de rasões descabelladas,
Sustentam mil sandices ás marradas.

Ei-los *fazendo espirito* nas sallas,
Ou *a sua perninha* nas caballas;
De luva preta, branca, verde, azul,
Luneta *in ochio*, á moda de um taful;
Aproando o nariz, em linha recta,
Para o rabo do ultimo cometa.

Eil-os dando seu voto em harmonia
Sem que saibam tocar senão pipia;
Fallando de Betowen, e Belini,
De Malibran, e Pasta e Tamburini,
Sem que de cantilenas saibam nada
A não ser: pregoar sarda escallada...

Eil-os fallando em côrtes, em senados
Em finanças, em leis, nos Tres Estados;
Trabalhando por têr o seu assento,
Nos sagrados salões de um Parlamento.
Sem que possam fazer outro discurso.
A não ser: *sobre os fins da banha de urso*!

Eil-os pisando aos pés o homem dôto.
Qu'entre nós é synonimo de *rôto*,
Que soffre, em vida privações ou fóme,
Que, só depois de morto é que tem nome,
Ou quando, em vez dos dons da natureza,
Tem, na vida, padrinhos e riqueza...

Concordamos, sem furia nem paixão,
Portugal inda está muito ratão!..
Muita da gente sabia (*ao que se diz*)
Ainda corre atraz do seu nariz
Da instrucção olhando, como filhos,
A seis chinós, e doze peralvilhos!....

Não offendo, ninguem, ninguem nomeio
Não se creia que n'isto ande receio;
Sempre tive, por pura e firme crença,
A ninguem nomear, fazendo offença;
Mas se alguem se offender, eu tenho brio..
Sendo á lanceta, aceito um dezafio...

## IMPROVISO AO PIANO

Como temos a viagem da vida,
Cara esposa, sem susto affrontado,
Apesar da fereza atrevida,
Dos recifes a um lado, e outro lado!..
Se tens tido no mundo um esteio,
Na coragem que tenho uma espr'ança,
De teu meigo sorrir, sem receio,
Dá-me Deus muito mais que a bonança,

Tens-me havido dos céos a ventura
Que, na vida, o mortal póde ter,
A suave, a celeste doçura
De, aos vindouros, meu nome offerecer;
Não em ricos trofeos, nem padrões,
Nem diplomas, nem ouros, nem brilhos;
Nos sinceros, nos bons corações
Com que Deos nos dotou nossos filhos.

De que servem as glorias da terra,
De que servem orgulho, e poder,
Se entre o berço e a morte se encerra,
Fragil ponto chamado viver!..
Nesse ponto, do Eterno sahido,
Qual do céo repentino clarão,
E' que tenho comtigo aprendido
Quanto val um fiel coração.

## ENCASQUETADA MANIA

IMPROVISO

D'aprender outro instrumento
Ando, á tempos, co'a mania!..
Rebeca não, nem pipia,
Trombone, é coiza de vento...
Rebecão... Ha mais de um cento,
Pratos, cheira a cosinheiro,
Pandeiro?.. Pois sim pandeiro
Com seu par de castanholas;
São coizitas hespanholas,
Hão-de dar muito dinheiro...

## FERROADA

Anda ahi grande contenda,
Sobre a melhor profissão;
Ha quem diga é ser letrado,
Outros padre, ou escrivão;

Dizem outros, que é ser *leigo*
Outros que é ser professor;
Ha quem prefira... Que medo,
Ser curandeiro, ou doutor!

Por mim, se me não engana
Certo espertalhão maroto,
Vou tendo por demonstrado,
Que o melhor é: *ser garoto*,

O garoto nada paga
Nem já o fazem soldado;
Não precisa de camisa,
Nem de chapeu, ou calçado!

Não tem augmento de renda,
Nem questões co'o senhorio!
Dos áres faz o telhado
Nas paredes do Rocio!

Ri-se a bom rir, do tendeiro,
Confeiteiro, e cortador;
Em pilhando um pão de rála,
É mais feliz que um senhor;

Se morre vae socegado,
Sem chamar tabellião,
Nem se occupar do enterro...
Os vivos o enterrarão..

Vê, de mofo, pelas ruas
Arlequinadas, festejos,
Seu toirito estramalhado,
Sanfonas, e realejos;

Não lambeia bons pasteis,
Gôzo das altas barrigas;
Mas tambem não fica exposto
A padecer de lombrigas!

Se adoece, os hospitaes
Valem-lhe nas afflicções,
Sem, com medico, e botica!
Fazer brecha nos tostões

E quantas e quantas vezes,
Da fortuna protegido,
Não s'elleva, de garoto,
A figurão mui subido!..

O garoto, aqui chegado,
É quasi sempre, má rêz,
Pois, affeito a andar na lama,
Tudo quer pizar aos pés...

E dizem mal da nobreza,
Na sua aristocracia..!
O garoto ennobrecido
É peior que a tyrannia!..

Podéra provar meus ditos
Pondo mil nomes aqui...
Mas, talhada a carapuça,
Quem quizer tome-a para si...

## O DESNARIGADO

E' grandissima ventura
Não ter o homem gurupés;
Pois, faltando-lh' este adorno,
Escapa a muito revéz:

Tambem não gasta rapé;
Nem lencinhos de assoar;
Nem s' expoem a ser quebrado
N'algum acto d'espirrar...

O varão desnarigado
E' tão solido e feliz,
Que nem a mulher o leva
Pela ponta do nariz.

## SONETO

Que thesouro não tens, caro Fradique,
Nesse nariz de colossal grandeza!..
Troia tremeu, surriu-se a natureza
Dando á luz um gurupés em vez de um dique!

Se te casares é de crer te fique,
No dia do noivado a penca preza,
Quer do balão da noiva a redondeza,
Quer nas gomosas pastas de arribique!.

Se a bôda for no campo festejada,
Deves lisongear a tua bella,
Levando-a, no nariz, escarranchada.

No entanto, rapaz, toma cautella,
Vê que a noivinha vá mui bem montada
Pois, s'espirra o trombão, ficas sem ella!

## A MINHA PRIMINHA J. A S. L.

Anjo do ceu, que no verdor dos annos,
Seus amargos venenos não provaes,
Possam teus dias decorrer felizes
Nos ternos braços d'extremosos paes;

D'infancia, nossos dias venturosos,
Aurora do viver (sem amargura),
São qual botão de rosa que s'ostenta,
E logo se desfolha, e pouco dura!,..

Surgem cuidados mil, de dia em dia,
Volve-se a vida em negra tempestade,
Do botão virginal, nem restam folhas,
Ou, se restam, são folhas de saudade!

*

Goza, Julinha, goza o dom celeste,
Da paz divina do fulgor primeiro,
Tarde.. Bem tarde, queira o céo conheças
Do mundo ingrato o vulto traiçoeiro

Possam teus paes, lá nas futuras eras,
No teu carinho achar felicidade,
Lembrando a filha aos paes os bens da vida
E os paes á filha os bens da mocidade.

## Á MINHA PRIMINHA M. R. S. L.

Quizera, Marianinha,
Pintar com exactidão
Esse teu rosto mimoso,
Endiabrado, e ratão...
Por mais e mais que eu procure
Confesso... Não posso achar
Coisa tão linda, e travessa
A que o deva comparar!

Dois sentimentos ressentem
Os que olham para ti,
O de rir, e te adorar,
Pois confesso inda não vi
Feiçõesinhas tão picantes,
Tanta meiguice e candura,
Com olhos, cuja viveza
Refervem de diabrura!

Se eu não fosse um pae avô,
Homem chão, morigerado,
(Não digas nada ao papá)
Eu já te havia furtado,
Para no meu oratorio,
Onde a Deus arde uma luz,
Te pôr, n'uma cadeirinha,
Junt'ao Menino Jesus ..

Não me censureis devotas,
Pois vêde que junto a Deus,
Podem haver padres, anjos,
Santos, e arcanjos dos céos...
A minha prima *traquinas*
Inda gosa d'essa edade,
Em que se vive, no mundo,
Quasi ao pé da Divindade.

## AS ESTAÇÕES

Em redor do sol brilhante
Volve a terra, sem cessar,
Com movimento constante,
Com rapidez de pasmar;
Destas simples rotações,
Infalliveis, immutaveis,
Resultam as estações:

Na primeira, a primavera,
Toda galas, toda flôres,
Folgam as zonas da esphera
Em alternados amôres:
Qual a sã felicidade,
Cedida ao genero humano,
Nos jardins da mocidade;

Na segunda, quente verão,
Vigoroso, abrasador,
Lança, Omnipotente mão,
Nas producções o vigor;
Tal nos adultos viventes,
Nascem, crescem nossos fructos,
Em longos ramos pendentes;

Na terceira, outono usado
De fadigas, ou de amor,
Despede-se o verde prado
Das dilicias do verdor,
Bem assim durante a edade,
Da robustez, e belleza,
Se despe a virilidade.

Na quarta, medonho inverno,
E' tudo indiffr'ença fria,
Nesse terror solitario,
Da natureza sombria...
Bem assim da creatura,
Decorre a triste velhice
A's bordas da sepultura!..

Mas prestes o sol retoma
Seu caminho creador,
No reviver, que se assoma
Da p.imavera no amor...
Pasmo aqui de confusão
Vendo isenta a especie humana,
Desta lei da creação!!!

## O BRUTO BRUTO

Dizem que Bruto, o romano,
Foi cidadão incorrupto,
Vá... Porem sem ser engano,
Bruto foi terrivel bruto...
Condemnou seu filho á morte
Crendo ter caracter forte...

No curso da triste vida,
Muito bruto vejo assim.
Cuja soberba sobida
Dos pobres filhos dá fim,
Por ambição, por negaça,
Ou por orgulho de raça!

Quem, destes monstros mundanos,
Nas duras acções pondera,
Descobre peitos tyrannos,
Anichando almas de féra...
Corações cheios de pello,
Cápas de marmoreo gello!..

Do Bruto, os apologistas,
Querem notar esta acção
Nas machiavelicas listas
Do civismo, e rectidão...
Pobres nações cuja febre,
Lhes pinta gato por lebre!...

Quem é que a Bruto defende
De ser tyranno sem par?!!
Infame que o filho vende
A' furia de governar,
E de traidor o appellida
Sem se chamar parricida!!!

Dirão que, n'aquella era,
Subia o civico ardor,
A ponto de ser chimera
O paterno , o proprio amor...
Scevola, torrando a mão,
Foi de Roma a salvação!..

Inda bem que já la vae
Essa epoca feroz
Em que o pae, em vez de pae,
Preferia ser algoz,
Comtanto que o monopolio
Lhe rendesse o Capitolio !.

Se as quadras eguaes não são,
Se nellas variam uzos,
Se se muda a educação
Nascendo e morrendo abusos;
No que não ha invenções
E' nas humanas paixões...

Essas correm toda a brida
A' sorte humana arreigadas,
Com furia mais atrevida,
Mais ou menos sofismadas
Mas, nesta mudança a esmo,
Fica o homem sendo o mesmo...

O homem feroz, reprime
Com tregeitos seu pensar;
Por vezes occulta o crime
Dando mostras de adorar,
E tapa sua ambição
Co' as franjas de cidadão!..

Hoje que os tempos tem dado
Sérias lições ao vivente;
Hoje que o mais apoucado
Se julga varão ingente;
Um pae, a não ser corrupto,
Ha-de a Bruto chamar bruto...

Bem sei a que ponto sobe
Hypocrita idolatria;
Das causas fataes que a move,
Temos lições hoje em dia;
Mas nunca haverá nobresa,
Em quaesquer leis, quaesquer usos
Com que tyrannos obtuzos
Offendam a natureza...

## SONETO

Aos rinchos de quadrupede frescata
Se vae, de Mafra, alegre muita gente,
Com bellos fricandós marchando em frente
E, na reserva, bons pasteis de nata;

Com furor sem egual, que a bolça achata
Se parte, a trote a cavalgata ingente,
E, na Ericeira, surge diligente,
Ao som de gaita, bumbo e *foguetata*,

Em breve se devora a vacca fria,
Sentindo o mar bater e o vento em pòpa
Entr'os bordos do Porto, e Malvazia...

Mas ah!.. Fortuna sã já se não tópa;
Choveu, o bom chover.. Quem tal diria,
Que á sobremeza se servisse sôpa ?!!

## A MANUEL MARIA BARBOZA DU BOCAGE

Bocage... Mui bem o sei
Foste genio arrebatado,
Ingrato, impio, immoral,
Mas, na lista dos poetas.
Innobreces Portugal. (1)

Muito sabio, *d'improviso*,
Inda brada contra ti,
Inda teu valor guerrêa,
Por nos não teres legado
Famigerada epopea...

(1) Manuel Maria Barboza du Bucage, nasceu em Setubal aos 17 de setembro de 1766, de Dona Marianna Joaquina Lestof du Bucage senhora instruida e de boa ascendencia, e de José Luiz Soares de Barboza, bacharel em canones pela universidade de Coimbra, juiz que foi da Castanheira e Povos, ouvidor em Beja, e por fim advogado em Setubal. Teve o poeta um irmão, e quatro irmãs, uma das quaes D. Maria Francisca Barbosa du Bucage foi boa poetiza partilhando assim do talento concedido pela natureza á sua familia.

O que tem feito esses homens
Esses zoilos *zumbidôres*
Empanturrados de loiros?..
Cantatas, e serenatas,
E cartazes para os loiros?!!

Bocage!.. Foste um poeta
Como poucos houve assim!
Tiveste o merecimento
De pôr, de prompto, em bons versos
A luz do teu pensamento (1)

Os tempos em que nasceste,
Não eram tempos para ti:
Portugal, na escravidão,
Jazia quasi affogado
A's garras da inquisição.

(1) Aos 14 annos, depois de haver aprendido com seu pae a lingua franceza, tinha Bocage completado os estudos a que hoje se dá o nome d'instrucção secundaria. Desde os 6 annos que mostrou uma tendencia rara para a poesia.

Os piedosos, as beatas,
As bruchas, os lobishomens,
Os infernos a bradar,
Só deixavam, aos devotos,
O tempo d'esconjurar.

Tu mesmo, grande poéta,
Por um fatal desconchavo,
Recebeste o beneficio
D'ir purgar os teus peccados
Nas prisões do santo-officio !.. (1)

(1) Partilhando ideias desenvolvidas pela revolução franceza; destribuindo copias da *Pavorosa Illusão*, teve Bocage ordem de ser preso dada pelo intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique; fugiu para bordo da corveta *Avizo*, d'onde o trouxeram para um apertado segredo do Limoeiro de Lisboa, em 1797. D'alli passou, aos 7 de novembro, para os carceres da inquisição, e de lá para o mosteiro de S. Bento, do qual, sob promessas de não se intrometter com assumptos religiosos, foi condemnado a algumas semanas de custodia em companhia de homens doutos e tementes a Deus, tendo-lhe sido indicado, por clausura, o hospicio das Necessidades, com homenagem do convento e cerca. Foi alli que Bocage traduziu uma parte das obras de Ovidio.

Alguns annos mais tarde esteve o nosso Vate a ponto de tornar para o Santo Officio, por denuncias da filha do administrador do correio geral, Roque Ferreira Lobo; mas o processo não teve seguimento.

Teu braço, votado á patria,
Dobras-te, como Camões,
O soberbo Adamastor,
E vistes crescer o Ganges
Com tuas lagrimas de amor... (1)

Volvido á patria seguiste
Vida livre, aventurosa;
Teus versos abrazadores,
Se te offertaram gozares,
Deram-te mil dissabores!...

(1) Em 1780 assentou Bocage praça de cadete no regimento de Setubal (depois n.º 7) e, dois annos mais tarde, veiu alistar-se, em Lisboa, na armada real da marinha. Dos 19 para os 20 annos tornou para o exercito de terra, com o posto de tenente d'infanteria, prestes a partir para a India.

Mil rasões se apontam como causa da saida do poeta, de Portugal. Sem nos darmos a esses detalhes diremos: que chegou a Goa, e não achando alli as delicias que phantasiara, e tomando por lenitivo desafogar em versos contra varios poderosos correu, por mais de uma vez, risco de vida. Apoz perigosa enfermidade deixou a carreira militar, visitando alguns dos portos circumvisinhos. Com auxilio e favor do governador interino de Macau, Lazaro da Silva Ferreira poude Bocage tornar a Lisboa aos 24 annos de edade, sem fortuna, nem emprego.

Não é coisa d'espantar
Vêr o genio sem dinheiro
Os grandes genios são taes,
Que se não curvam, nem baixam
Ante os *fofos*, e os metaes... (1)

:

Morreste na flôr dos annos,
Entre dôres tormentosas,
Nos braços da fé christã,
Achando meigo conforto
Nos carinhos de uma irmã... (2)

(1) Bocage rejeitou empregos, por mais de uma vez, valendo-se, para viver, do producto dos seus versos. Por fim resolveu-se a aceitar 24$000 rs. mensaes como revisor da officina chalcographica, tendo a seu cargo traduzir as obras que fossem de reconhecido proveito publico, no proposito de amparar sua irmã predilecta D. Maria Francisca Barboza du Bocage com a qual residia nos ultimos tempos da sua vida.

(2) Dado muito ao tabaco de fumo e ás bebidas alcoolicas, sem que se embriagasse, e a outros distrahimentos ruinosos para o corpo, falleceu aos 21 de dezembro de 1805 pelas 10 horas e um quarto da manhã, tendo sido visitado pela maior parte dos habitantes da capital.

Deixaste disseminadas
Como perolas perdidas
Centênas de producções
Das quaes, em parte, os livreiros,
Arranjaram collecções..

Bocage... Em duas palavras:
Viveste, e morreste assim;
Mas d'alta gente sei eu,
Que nunca terá no mundo,
Valor semelhante ao teu !..

Tu foste o raio de luz
Que dardeja desde os céos,
Essa luz que as trevas fende,
E passa, e deslumbra, e céga
Ou se não céga surprende !

Annos de pensar, para outros,
Foram pr'a ti méro instante....
Fogoso na concepção,
Teu pensamento !.. Era o raio..,
Tua voz... Era o trovão...

## A FONTE DAS LAGRIMAS

### IMPROVISO

Sob a cópa de cedros ressequidos
Por tempos seculares,
Corre limpido christal;
As collinas, os prados, os pomares,
O sereno Mondego;
Dos ternos passarinhos os cantares,
Daquelle sitio o socego,
Coimbra, quasi defronte,
Parece dizer a todos,
Eis das Lagrimas, a fonte...

Sitios onde meus dias deslisaram
De crenças, e d'espr'anças!...
Dias que não tornam mais!..
Quantas vezes alli... D'alma fervente,
Nas chammas da mocidade,
Não cuidei eu ouvir distinctamente
A voz da Divindade
Que tremenda me dizia:
«Aqui pereceu Ignez
«A's garras da tyrannia!!!

E ao depois, alevantando os olhos,
Pela dôr humedecidos
De uma lagrima furtiva,
Não senti de meu peito as pulsações
Da fonte vendo, a um lado,
Sentidos versos do immortal Camões
Outro peito desgraçado,
Sendo da sorte os rigores
Quer d'Ignez, quer de Camões,
O fructo de seus amores!..

Hespanha ingrata!.. Malfadado Affonso
Porque derramaste assim
O sangue de uma innocente?!!
Ciume, furia, scep'ro, ou alliança,
Do firmamento o brilho,
Quem me arrancára o sim pr'a dar a morte
A' mulher de meu filho?!!
Longe ostentação da vida
Se, pelo regio decóro,
É mister ser parricida!..

Alli candida Ignez, formosa e pura,
Dos filhinhos affagada,
Quanto não fôras feliz
Entre os prazeres de um viver modesto,
Longe dos degraus do solio,
Sem que a rocha Tarpêa désse aresto
A' queda no Capitolio!..
A boa razão attesta
Que os maiores bens da vida
Nascem da vida modesta

Fonte das Lagrimas, finde essa lembrança
De fereza desabrida
Sempre legada aos vindouros!
Em quanto a luz do prodigo Phaetonte
Te vestir de tuas flôres,
Seja teu nome, Lacrimosa Fonte,
A Fonte dos Amores...
Possas tu, visitador,
Abordar esses logares
Sem te gelares de horror!.,

## SONETO

Apoz cincoenta e cinco invernos frios
D'estudos e trabalhos repassados
Meus pensamentos, quasi congelados,
Negam-se a produzir mais desvarios.

Meus dias, de soffrer, já bem sombrios,
Mil lembranças crueis, cem mil cuidados,
A bolsa leve, os membros mui pezados
E o pão a dous vintens, dão-me fastios...

Sou medico... Bem sei... Foi pingue arte
Nos tempos do rabicho, e cabelleira,
Em que havia papões por toda a parte...

Hoje... Quadra feliz da pasmaceira,
Quer tenha encarte, que não tenha encarte,
Atira-se a curar qualquer parteira.

# INDICE

—

## Obras do dr. G. Centazzi já publicadas

---

Poesias diversas, 1 vol. impresso em Coimbra, em 1828.

---

Traité sur la maniere de placer les os pour faciliter l'etude de l'Anatomie aux commencants, 1 vol. impresso em Paris, em 1833.

---

Memoria sobre os exercicios gymnasticos, e as vantagens que d'elles resultam, introducção a uma obra orthopedica (inedita), brochura, offerecida á sociedade das sciencias medicas de Lisboa em 1836.

---

Hygiene e medicina popular, impressa em 1841. —Teve 2.ª edição.

---

As sete pennadas, 1 vol. impresso em 1852.

Beatriz e o aventureiro — 2.ª edição, impressa em 1861.

—

O estudante de Coimbra — 3.ª edição, impressa em 1861. — D'esta obra só existem á venda alguns exemplares da 1.ª edição, na loja do sr. Campos Junior, rua Augusta.

—

A alma do justo — 2.ª edição, impressa em 1861.

—

Theatro e poesias, 1 vol. impresso em 1861.

—

Os desafogos da vida — Miscellanea scientifica, na maior parte, 1 vol. em 8.º grande, impresso em 1863.

—

Recreios poeticos — 1 vol. impresso em 1864.

# LIVRARIA

# J. MARQUES DA SILVA

72 — RUA NOVA DO CARMO EM LISBOA — 72

## LISBOA

---

# CATALOGO

## DE ALGUNS LIVROS

QUE SE ACHAM Á VENDA NA DITA LIVRARIA

---

Neste estabelecimento além dos livros mencionados neste Catalogo, se encontram muitos outros novos e uzados, modernos, antigos e classicos.
Encaderna-se no gosto moderno.

### Livros de Missa e Semana Santa

Encadernados em marroquim, dourados, sem feixo desde 300 até 800 rs. — Ditos com feixo, desde 640 até 1$000 rs. — Ditos com feixos e cantos, desde 840 até 1$200 rs. — Ditos com imagens, etc.

Comedias, dramas, scenas-comicas.

Promptificam-se com brevidade quaesquer encommendas, tanto para o reino, como para fóra, com abatimentos vantajosos.

## MISCELANEA

Acasos da Fortuna, ou livro de sortes divertidas. br. . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Acto de Santo Antonio, livrando seu pai do patibulo; por *A. M. C. d'Azevedo* . 40
Açucena (a) Romance original, por *João José de Sousa Telles*, 1859. 8.º br. . . 240
A. B. C. d'amor, e os mandamentos d'amor; e ter amor não é defeito, br. . . . . . . 20
Advertencia aos Modernos que aprendem os officios de pedreiro e carpinteiro, por *Valerio Martins d'Oliveira*, com as tabellas da reducção de varas a metros, palmos, pollegadas, linhas, e pontos. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 400
Alfandega Papal, taxas das suas partes casuaes, redigidas pelo Pontifice João XXII, publicadas por Leão X, e agora commentadas, seguida da flor dos casos de consciencia. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . 400
Alma (a) do Justo, Romance original portuguez, precedido de duas palavras sobre a vida do author, pelo *Dr. Guilherme Centazzi.* 2 vol. br. . . . . . . . . . . 400
Almanak Democratico, collecção de artigos de distinctos escriptores, etc.; adornado de retratos e gravuras. 1852. br. 120
Amaldiçoada, (a) novella traduzida do hespanhol, por *J. X. P. S.* 8.º br. . . . . . . 100
Amanda e Oscar, ou historia da familia de Dunreath. 1859. 3 vol. br. . . . . . . . 1$200
Amantes (os) do Vesuvio, romance tradu-

zido do francez, por *J. B. d'Assis*. 1857. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 200

Amor (o) e a Saudade dos valerosos portuguezes, por *F. M. da S. G. Malhão*. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 80

Amores (os) da duqueza de Berry, ou as mulheres da regencia, romance traduzido do francez, de *Paulo Musset*. br. . . 240

Analecto Theologico-Canonico, sobre a jurisdição dos bispos, cabidos, e clero; e obrigação do povo christão em todos os tempos de perseguição contra a igreja de Deus. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . 160

André Chenier, romance, por *Mery*. 1860. 4.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . **600**

Annaes do Conselho de Saude Publica do reino, pelos vogaes *E. J. dos Santos Cruz, J. J. S. Silva, A. J. de Sousa Pinto*. 6 vol. 8.º gr. br. . . . . . . 2$880

Arco (o) de Sant'Anna, chronica portuense, por *J. B. d'A. Garrett*. 2 vol. 8.º br. 960

Argonautas, (os) Poema de *Apollonio Rhodio*. 8.º gr. br. . . . . . . . . . . . . . . . . 480

Arte de Adivinhar, ou explicação completa e facil das visões, e inspirações nocturnas; e a taboa dos dias de felicidade e infelicidade em cada um dos mezes do anno; com a explicação que nos sonhos exerce a idade da Lua, e do gráo provavel de realisação dos mesmos; obra divertida e interessante, 8.º br. . . . . 120

Arte de conhecer a sorte futura pelas linhas e veios das mãos. br. . . . . . . . 40

Arte de cosinha, conserveiro, licorista, e

de vinhos artificiaes, etc., dividida em seis partes; nova edição. br. . . . . . 300

Arte Mestra que ensina a crear, tratar, escolher e curar bois, vaccas, novilhos e vitellas. 8.º br. . . . . . . . . . . 120

Arte do Salchicheiro, ou methodo de preparar e conservar as differentes peças do porco. 8.º br. . . . . . . . . . . . . 500

Assento de 14 de Fevereiro de 1817, respectivo ás antiguidades dos desembargadores, com notas, e antiquissimos assentos e decretos. br. . . . . . . 160

Astucias de Bertoldo, de Bertoldinho, seu filho, e Vida de Cacasceno, seu neto. 3 vol. br . . . . . . . . . . . . . . . 240

Aventuras d'um joven portuguez, ou conto moral d'um viajante pela Africa, e Indias de hespanha, por *A. G. F.* 8.º br. 100

Biblia (a) Sagrada, contendo o velho e novo Testamento, traduzida em portuguez, segundo a vulgata latina, pelo Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*, encad. . 1$200

Biographia posthuma de José Victorino Barreto Feio, por *J. D. Sines*. 1850. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 80

Brevissimo tractado sobre a efficacia do grão da mostarda branca, applicado com excellentes vantagens a um grande numero de molestias internas, por C. T. Cooke; traduzido por *J. D. Sines*. 8.º br. 60

Camões, poema de *J. B. d'Almeida Garrett*. 8.º br. . . . . . . . . . . . . 600

Carnaval (o) Poesias jocosas e burlescas, obra divertida. br. . . . . . . . . . . . . . . 60

Carta de Escravidão e entrega perpetua ao SS. Sacramento da Eucharistia. br. 100
Carta ao Sr. Redactor do Diario do Governo, por *José Agostinho de Macedo*. 80
Cartas de Heloisa a Abeilard. br. . . . 60
Casa (a) Phenicia, ou memorias d'um edificio, romance por *A. Dumas*. 1855. br. 100
Catharina Blum, romance por *Alexandre Dumas*, com uma estampa. 2 vol. br. 640
Cathecismo Constitucional para instrucção da mocidade, por *L. F. Midosi*. 1860. br. 40
Cathecismo de Doutrina Christã para uso dos meninos. br. . . . . . . . . . . . . . 20
Catechismus ad Ordinandos, juxta doctrinam Catechismi Concilii Tridentini. 8.º 360
Clotilde, e Boemond, ou o poder da primeira educação, br. . . . . . . . . . 160
Collecção de Memorias, relativas ás vidas dos Pintores, e Esculptores, Architectos e Gravadores portuguezes, e dos estrangeiros que estiveram em Portugal, por *Cyrillo Volkar Machado*. br. - - - - - - 960
Collecção de Romances Originaes, de *Ricardo J. de Souza Netto*. 8.º br. . . . . . 300
Communhão perfeita dirigida pelas considerações do P. *Fr. A. de Molina*, com affectos praticos para antes de commungar, e affectos, e petições para dar graças; resumido, e acommodado praticamente a todas as almas. 12.º br. . . . 100
Compendio de Arithmetica, uso de multiplicação, das contas de caixaria, por *L. G. Coutinho*. 8.º br. . . . . . . . . . . . 40
Compendio de Arithmetica, das quatro ope-

rações decimaes, e exemplos, por *L. G. Coutinho.* 8.º br. . . . . . . . . . . . . . 40

Compendio de Arithmetica, das quatro operações dos quebrados, e exemplos, por *L. G. Coutinho* 8.º br. . . . . . . . . . 80

Compendio de Geographia moderna, e universal com a historia das cousas mais notaveis de cada paiz, e o resumo da historia do povo romano; com uma estampa, por *L. G. Coutinho.* 8.º br. . . . . 400

Compendio de Grammatica Portugueza, para instrucção da mocidade, por *L. F. Midosi.* 4.ª edição. 1863. 8.º br. . . . . 120

Compendio (novo) de Calligraphia ou da arte de escrever, em que se tracta das regras necessarias para escrever bem, methodicamente, por *L. G. Coutinho.* 80

Compendio (novo) para aprender a ler, e a fallar a lingua franceza com boa pronuncia, por *L. G. Coutinho.* 8.º br. . . 60

Compendio practico de manobra, que ensina as principaes evoluções miritimas, das construcções mais importantes para salvação das guarnições, e effeitos de qualquer navio em perigo, por *F. J. Marques.* br. . . . . . . . . . . . . . . . . . 300

Compendio das Principaes difficuldades da lingua Franceza, e um tratado de Syntaxe, por *Miguel Blinque.* br. . . . . . 240

Compendio da Historia de Portugal, para uso das escolas, por L. *F. Midosi.* 9.ª edição. 1863. br. . . . . . . . . . . . 100

Conde (o) de Monte-Christo, romance historico, por *Alexandre Dumas.* 1862. 4

vol. 8.º br. . . . . . . . . . . . . 1$440

Confissão (a) do Marujo e a triste vida, em verso. 8.º br. . . . . . . . . . . . 40

Confissões d'um Bohemio, romance traduzido do francez, por *A. U. P. de Castro*. 1853. 2 vol. br. . . . . . . . . . . . 500

Consequencias d'uma aposta, por *A. Dumas*. br. . . . . . . . . . . . . . . . 80

Cotos sem Arte, obra posthuma de *D. José d'Almada e Lancastre*. br. . . . 600

Contos ao Luar, por *Julio Cesar Machado*, nova edição. br. . . . . . . . . . 500

Contos Juvenis e Moraes, para uso das crianças; proprios para despertar n'elles o desejo da instrucção, e o gosto da leitura, por *J. M. S.*, 3.ª edição correcta e augmentada. 1858. br. . . . . 80

Conversa (a) da Lealdade com a Ingratidão, sôbre a condição dos homens, escripta por uma menina de 15 annos; divertida e interessante. 1860. br . . . 80

Coração, cabeça e estomago, romance por *Camillo Castello Branco*, br. . . . . 500

Corsario (o) Vermelho, por *Fenimore Cooper*, com estampas. 3 vol. br. - - - - - 900

Cozinheiro Moderno, ou nova arte de cozinha, conserveiro e licorista; onde se ensina pelo methodo mais facil e mais breve o modo de se prepararem varios manjares, tanto de carne, como de peixe, mariscos, legumes, ovos, laticinios, e varias qualidades de massas, etc., e modo de fazer conserva de doces, e bolos de muitas qualidades, licores, vi-

nhos artificiaes. 8.º br. . . . . . . . . . 400

Creação (a) do homem e da mulher, ou Adão e Eva. br. . . . . . . . . . . . . . 80

Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal, tentativa historica, por *Alexandre Herculano.* 3 vol. br. . . . 1$800

Decimas que fez um frade do convento da Serra d'Ossa, na occasião que foi expulso. 30

Definição da mulher, e lição importante para desengano do homem, principalmente da mocidade. br. . . . . . . . 60

Derriços (os) da Noite de S. João e o mais que se pode arranjar. . . . . . . . . . 20

Devoção das Dôres de Maria Santissima. 40

Dialogos sobre a vida de Jesus Christo. br. 80

Diccionario da Lingua Portugueza, e Diccionario de Synonymos, de Poetico e de Epithetos, por *J. I. Roquete,* e *José da Fonseca.* 2 vol. 8.º . . . . . . . . . . . 1$600

Diccionario da Lingua Portugueza, composto por *Antonio de Moraes Silva.* 6.ª edição melhorada, e muito accrescentada pelo desembargador *Agostinho de Mendonça Falcão.* 1858. 2 vol. 4.º gr. 12$000

Diccionario Portuguez e Latino, por *Pedro José da Fonseca.* nova edição, mais correta, accrescentada, fol. . . . . . . 4$000

Diccionario Poetico para o uso dos que principiam a exercitar-se na Poesia portugueza, obra igualmente util ao orador principiante, por *Candido Lusitano.* 3.ª edição, correcta e augmentada com mais de mil phrases. 2 vol. 4.º . . . . . . 1$440

iccionario Francez e portuguez, e portu-

guez e francez, por *Fonseca* e *Roquete*. 2 vol. 8.º gr. . . . . . . . . . . . . . . . . . 3$500

Diccionario Inglez-portuguez e portuguez-inglez, de *Antonio Vieira*, nova edição. 1861. 2 vol. 4.º. . . . . . . . . . . . . 7$200

Dito (resumo) 2 vol. . . . . . . . . . . 1$080

Directorio Espiritual para oração mental, e todas as mais cousas necessarias para seguir uma vida perfeita, e espiritual; com orações para assistir á Missa, e modo de rezar o Rosario de Nossa Senhora, e varias orações, por Fr. *J. D. A. D. M. A.* 12.º br. . . . . . . . . . . 160

Discurso Bachanal para os pacificos amigos da pinga lerem á mesa no dia de S. Martinho. . . . . . . . . . . . . . . . 30

Doença (a) poema, por *Domingos Caldas Barbosa*. br. . . . . . . . . . . . . . 120

Dois (os) Irmãos, romance, por *Eugenio Lopes Franco*. 1861. br. . . . . . . . 100

Doudo (o) romance original, por *J. M. C.* 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . 300

Effeitos do Luxo nas sociedades politicas. 8.º br. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 80

Eleição dos Juizes, Mordomos e Mordomas em honra de Baccho - - - - - - - - - - - - 20

Elementos da Arte Veterinaria, materia medica racionavel, ou resumo dos Medicamenost considerados em seus effeitos; por *Bourgelat*, 2 vol. 4.º br. . . . . . 1$600

Elementos de Geometria, para os que pretenderem aperfeiçoar-se pelos conhecimentos theoricos, no o fficio de carpinteiro de moveis, e marci neiro, por *P. A.*

*Cravoé*; com uma estampa, br. . . . . . 100

Emilia e Leonido, ou os amantes suevos, Alix e Ricardo, balada escoceza, a Sombra de Pope; Poemas, por *J. Maria da Costa e Silva*. 8.° gr. br. . . . . . . 480

Epicedio feito, e recitado em 1822 no anniversario da sempre lamentavel morte do General Gomes Freire de Andrade, por *J. Dionisio da Serra*. 8.° br. . . . 80

Epitome (novo) da Historia Portugueza, em que se tracta dos acontecimentos mais notaveis, e geographia, por *L. G. Coutinho*. 8.° br. . . . . . . . . . . 80

Epoca (a) das Virtudes, Satyra, por *A. Varella*. 1863. . . . . . . . . . . . . 50

Espectador (o) Portuguez, Jornal de critica, e de Litteratura, por *José Agostinho de Macedo*. 4 vol. br. - - - - - - - - - - - 2$400

Espectro (o) ou a Baroneza de Gaia, bernal francez, a noite feliz, e outras poesias, por *J. M. da Costa e Silva*. 8.° br. 400

Espreitador (o) do Mundo novo, obra critica, moral, e divertida, por *J. Daniel Rodrigues da Costa*. 2.ª edição. 4.° br. 1$200

Estações (as) do Anno, poema composto e illustrado com algumas notas, por *F. Antonio Martins Bastos*. br. . . . . . . 400

Estudo sobre alguns Synonimos da Lingua Portugueza, por *M. J. Passos*. 8.° br. 400

Exame ou arte de Sangrador, por *Manoel José da Fonseca*, nova edição, br . . . 120

Expositor (o) Portuguez, ou rudimentos de ensino da lingua materna, por *L. F. Midosi*. 8.ª edição augmentada. 1864,

8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . 120

Extracto racional da Grammatica geral ou Methaphisica das linguas, por *J. D. Sines*. 1848. br. . . . . . . . . . . . . . 80

Filha (a) da Caridade, romance original, por *J. J. de Sousa Telles*; ornada com estampas. 2 vol. 8.º br. . . . . . . . . . 960

Gabriella de Longueville, por *Pedro Zaccone*, traducção de *J. A. X. de Magalhães*. 1863. 2 vol. br. . . . . . . . . 500

Galucho, (o) romance, por *Paulo de Kock*; traducção livre, por *A. P. Barroso*; adornado de estampas. 1857. 2 vol. 8.º br. 800

Gemidos da Alma Contrita, Rosario para pedir o amor de Deus, Ladainha para morrer santamente; Sonho contemplativo, br. . . . . . . . . . . . . . . . . 50

Grammatica Franceza, theorica e pratica, ou methodo inteiramente novo em Portugal, para se aprender com muita brevidade e perfeição, a fallar e escrever o idioma francez por meio do portuguez, por *E. A. Monteverde*. 4.ª edição augmentada. 1857. 4.º br. . . . . . . . . 800

Grammatica Marastta, a mais vulgar que se pratica nos reinos do Nizamaxa e Idalxa. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100

Grammatica (nova) Portugueza e Ingleza, e Ingleza e Portugueza, adoptada ao uso dos que aprendem, uma ou outra linguagem, por *L. F. Midosi*. 2.ª edição augmentada. 1852. 8.º br. . . . . 480

Guia dos Navegantes, que contém os rumos da agulha, e distancias de logar a

logar em leguas de vinte ao grão, pa as principaes costas da Europa, Africa, America, Açores, Madeira e Cabo-Verde. br.. . . . . . . . . . . . . . . . . 300
Historia completa do Santo Milagre de Santarem, desde o seu maravilhoso apparecimento com os mais prodigios, que foram acontecendo até aos nossos dias, por L. *da Silva Dôres Castello Branco*; com estampas. 8.° br. . . . . . . . . . 400
Historia de Simão de Nantua, ou o Mercador de feiras. 8.° - - - - - - - - - - - - 300
Historia de Tempos novos em tempos velhos. br. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 100
Historia de um morto, contada por elle mesmo, por *Alexandre Dumas*. br. . . . . 80
Historia do Imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França, traduzido em portuguez. 8.°. . . . . . . . . . . . . 480
Historia (resumo da) Antiga, por *Midosi*. 100
Historia verdadeira dos amores de Oriano com Anarda. 8.° br. - - - - - - - - - - - - 100
Homem (o) peccador convertido, por *G. Martins*. 8.° br.. . . . . . . . . . . . 400
Hora em quinta Feira d'Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo. br. . . . . . 80
Hymno de Nossa Senhora das Dôres . . 20
Injusta acclamação do serenissimo infante D. Miguel, pelo desembargador *A. S. Lopes Rocha*. 8.° br. - - - - - - - - - - - 360
Interpretação da Eneida de Virgilio, por *C. Norris*, 8.° br. . . . . . . . . . . 300
Itinerario da India por terra até á ilha de Chypre, por Fr. *Gaspar de S. Bernar-*

*dino.* 1842. 8.° gr. br. - - - - - - - - - - 600

Livro (ou Diccionario) dos Sonhos, ou explicação clara, e facil das visões, e inspirações nocturnas, segundo os mais famosos cabalistas gregos, egypcios e persas. 4.ª edição muito augmentada com a explicação que n'elles exerce a idade da Lua, e do gráo provavel de realisação dos mesmos; e a taboa dos dias de felicidade, e de infelicidade em cada um dos mezes do anno. 1860. 8.° br. - - - 120

Logica da Infancia, para uso das escolas, por L. *F. Midosi*. 1851. br. - - - - - - 80

Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum, nova edição mais acrescentada. fol. 1857 2$400

Manobreiro (o) ou ensaio sobre a theorica e a pratica dos movimentos do navio, e das evoluções navaes, por Bordé Villehuet; traduzido por *J. M. do Couto*, com estampas. br. - - - - - - - - - - - - - - - - - 1$200

Manual Encyclopedico, para uso das escolas d'instrucção primaria, por *E. A. Monteverde*. 7.ª edição augmentada. 1862. br. 480

Manual do Christão Devoto, para a missa e semana santa, ornado de estampas, enc. ord. 480; e em marroquim . . . 800

Manual Politico do Cidadão, por *Midosi*. 120

Mappa Chronologico do Reino de Portugal, e seus dominios, por L. *M. P. e Castro*. 8.° br. - - - - - - - - - - - - - - - 300

Marco Tullio, ou o Agente dos Jesuitas, romance historico (1568–1600) por *A. Hogan*; adornado de estampas. 1860. 4 vol. 8.° gr. br. - - - - - - - - - - - - - - - 1$200

Martim (D.) de Freitas, romance historico portuguez de Alexandre Dumas, traduzido por *F. P. Gonçalves*, adornado com estampas. 1855. 8.° br. - - - - - - - - - - 160

Meditação, (a) poema, por *José Agostinho de Macedo*. 8.° br. - - - - - - - - - - - - - - 600

Meditações sobre o Padre Nosso. br. . . . 30

Memoria sobre a existencia do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, por *D. J. M. D.* 8.° gr. br. . . . . . . . . 200

Methodo facillimo para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscripta no mais curto espaço de tempo possivel, por *E. A. Monteverde*; 8.ª edição augmentada. 1863. br. - - - - - - - - - - - - 100

Mimo á Infancia ou Manual da Historia Sagrada, para uso das crianças, ornado de 100 estampas, por *E. A. Monteverde*. br. 500

Novenas avulsas de varios Santos.

Novissima Collecção de Anecdotas e Bernardices, ditos galantes, charadas, ratices, epigrammas, pilherias; 2.ª edição mais augmentada. 1860. 8.° br. - - - - 100

Novo A. B. C. dos Amores, e os Mandamentos d'amor. 1860 - - - - - - - - - - - - 20

Nuovo trattato della Conjugazione dei Verbi Italiani, por *G. A. da Silveira*. 1846 8.° br. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 300

Obras Poeticas por *Manuel Joaquim Ribeiro*, 8.° br . . . . . . . . . . . . . . 200

Officio do SS. Sacramento, que costumam cantar os devotos, que andam no santo exercicio das Matinas, quando está em Lausperenne; traduzido em portuguez

com Orações para assistir ao Santo Sacrificio da Missa, e para antes e depois da Confissão e Communhão, e o modo de visitar as Igrejas no dia de Jubileo, com a estampa do Santissimo. 8.º - - - 360
Oração de Roma. br. - - - - - - - - - - - - 20
Oração do Justo Juiz, com a Magnifica de Nossa Senhora e de Santa Barbara. br. 20
Oração funebre do Conde de Barbacena por *F. R. da S. Malhão*, br. . . . . 120
Oratorio Sacro de Soliloquios do amor divino, e varias devoções de Nossa Senhora, por *F. Thomé de Jesus*. 8.º br - - 200
Panegyrico de Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro Marquez de Pombal, Ministro de D. José I. 4.º br. - - 120
Pedinte (a) de Lisboa, ou memorias de uma mulher, romance original, por *A. Hogan*; ornado de estampas. 2 vol. br. 600
Pobre (o) Claudio ou o condemnado á morte, romance, por Victor Hugo; traduzido por *F. L. C. de Miranda*. br. - - - - 80
Poder (o) do Amor, Lyra - - - - - - - - - - 40
Poesias de Alceo Lusitano. 8.º br. - - - - 300
Poesias, Motes, e Decimas Jocosas, obra interessante e divertida, br. . . . . . . 60
Poesias, por *Antonio de Serpa*. 1852. 8.º br. 480
Poesias, por *Francisco Palha*, br.. . . . 300
Poesias Ternas e Amorosas, br. . . . . 80
Poesias Selectas, nos diversos generos de composições poeticas para a leitura, no 1.º, 2.º, 3.º e 5.º anno do curso geral dos lyceus, por *H. Carlos Midosi*, 1862 br. . . . . . . . . . . . . . . . . 600

Preso, (o) esboço do estado das prisões em Portugal, e de alguns dos seus mysterios, por *S. J. R. de Sá.* 8.º br. . . . 600

Primeiras Linhas sobre o Processo Civil, por *J. J. Pereira e Sousa*; nova edição. 1858. 4 vol. 4 º br. - - - - - - - - - 5$000

Primeiros rudimentos de arithmetica, nos quaes se comprehende o novissimo systema metrico decimal, para uso das escolas primarias, por L. *F. Midosi.* 1856. 8.º br. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 60

Problema resolvido, se os corpos regulares devem totalmente supprir-se, ou conservarem. Conclue com outro Problema das promoções para a tropa. 4.º - - - - 60

Processo de Luiz XVI, rei de França, de Maria Antonia, rainha de França; seguido do processo de madama Isabel, irmã do rei, de Luiz Filippe, duque de Orleans, ornados d'estampas. 2 vol. br. 1$200

Quadro elementar da historia natural dos animaes, por Cuvier; traduzido por *A. d'Almeida*, com estampas. 2 vol. 8.º gr. 1$600

Quadro politico, historico e biographico do parlamento de 1842, por um eremita da serra d'Arga. 1845. 8.º br. - - - - - - - 360

Quanto (a) se expõe quem ama, novella, br. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 120

Que bellos Maridos!... por *Paulo de Kock.* br. . . . . . . . . . . . . . . . 80

Ramalhete de fragantissimas flores, que para recreio da alma offerece Jesus Christo, no divino Sacrificio da Missa. 30

Razão (a) desagravada, ou sem razão con-

fundida, 4.º. . . . . . . . . . . . . . . 60

Relicario Angelico, de Jesus Christo, e de Maria Santissima, adornado com estampas, augmentado com novas orações a N. S. da Conceição da Rocha, enc. ord. 200

Em marroquim dourado por folhas . . 480

René, romance sentimental, por mr. *Chateaubriand*, tradução em portugues, br. 120

Revelações, poesias por *J. E. Coelho*, br. 160

Revolução de França, ou os successos de París em julho de 1830. 1836, 8.º br. 160

*Rubricae missalis in commodiorum celebrantium usum*, em 12.º. . . . . . . . 240

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas, por *F. A. M. Pereira*. 120

Salmos de David. 8.º br. . . . . . . . . 300

Secretario Amoroso, ou nova collecção de cartas dedicadas a ambos os sexos, e uma collecção de interessantes modinhas para os amadores do canto. 8.º br . . . 120

Segredo (o) do Capitão, romance de Emilio Souvestre, trad. por *J. M. F.* br. . 300

Segredos da Natureza, e outras cousas notaveis de grande utilidade, por *Jeronimo Cortez*. br. . . . . . . . . . . . 240

Semana devota em obsequio ao glorioso Martyr S. João Nepomuceno, singular patrono da boa fama . . . . . . . . . . 30

Sentimentos Affectuosos, ou meditações deprecatorias em desagravo do augusto

Sermão de S. Martinho, discurso bachanal para lerem á mesa, e eleição dos juizes, mordomos e mordomas, dedicado a todos os amadores da pinga. 8.º br. . . . 80

Sacramento da Eucharistia; obra de piedade, que póde servir para visitar o Sagrado Lausperenne, para o oitavario do Corpo de Deus, pelo *R. Padre Avrillon*. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 80

Sermão de acção de graças da paz geral prégado na igreja de S. Julião em 1814 por *José Agostinho de Macedo*, 8.º br. 160

Signaes Evidentes da vinda do Ante-Christo, provados com rasões concluentes, e authenticas, expõe-se a sua vida, seus progressos, sua decadencia, e a sua morte: com o Tratado do fim do mundo; por *J. A. P. do A.* 8.º br. . . . . . . . 100

Thesouro de Lavradores, e nova alvitaria do gado vaccum, illustrada com varias authoridades, por *A. Dias Ramos*, com varias receitas uteis aos lavradores. . . 960

Thesouro da Mocidade Portugueza, ou a moral em acção, com estampas, por *Roquete*. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 600

Thesouro de Meninos, ornado com estampas, nova edição . . . . . . . . . . . . . 500

Trabalhos Academicos, Litterarios e Scientificos por *F. J. dos Santos Cruz*. 1851. 8.º gr. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 600

Tratado completo do novo systema legal de Pesos e Medidas, por *Manoel G. Henriques*. 1863. 4.º br. . . . . . . . . . 500

Tratado pratico das manobras dos navios, em que se ensina o modo de dar-lhes todos os movimentos por meio do leme, vélas e vento, por *D. A. Gabriel Fernandes*. 8.º . . . . . . . . . . . . . . . 48

Tratado de Arithmetica, para uso dos lyceus, por *E. O. G. Martins.* 2 vol 8.º gr. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 720

Tratado do jogo do Voltarete, ou resumo das leis do mesmo jogo, augmentado com o grande Voltarete . . . . . . . . . 60

Tres (os) Mosqueteiros, romance por *A. Dumas,* adornado de estampas nova edição. 4. vol. br. . . . . . . . . . . . . . . 1$600

Tratado sobre as Leis relativas a navios mercantes, e marinheiros. 8.º gr. br. . 960

Uma falta irreparavel, romance por *Madame Ancelot.* 1863. br . . . . . . . . . 200

Verdadeira (a) voz da razão desaggravada, por um theologo. . . . . . . . . . . 40

Verdadeiros (os) Amantes, conto allegorico por *A. M. F.* 8.º br. . . . . . . . 80

Versos Esponsalicios a Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Pedro V. por *R. M. de M. Fonseca.* . . . . . . . 50

Vida de D. Pedro IV, vigessimo oitavo Rei de Portugal, e primeiro imperador do Brasil, por *D. J.* L. *Sousa Monteiro.* br. 120

Vida de St.ª Joanna Francisca Fremiot, fundadôra da ordem da Visitação de St.ª Maria, trad. do francez. 8.º br. . . 400

Vida de St.ª Liduvina, Virgem, trad. do Padre Ribadeneira, como modelo de virtudes, . . . . . . . . . . . . . . . . . . 50

Vida do Vice-almirante lord *Visconde de Nelson,* Duque de Bronte; por *A. E.* .. 40

Vida e Aventuras do alcunhado padre Matheus, Antonio da Conceição Maria, com o retrato. 1862. br. . . . . . . . 200

Vida e Milagre de Santa Quiteria, por presbytero *F. do Nascimento Freire*. br. 240

Vinte (os) Annos Depois, romance em seguida aos Tres Mosqueteiros por *A. Dumas*, ornado com estampas. 5 vol br.. 1$800

Visconde (o) de Bragellonne, romance em seguida dos Vinte Annos depois, adornado com estampas por *A. Dumas*. 10 vol. br . . . . . . . . . . . . . . . . . 3$600

Visitas ao SS. Sacramento, e a Maria SS., para todos os dias do mez, nova edição ornada de estampas, e de novas devoções encd. ord . . . . . . . . . . . .. 280
Em marroquim, dourado por folhas, . . 600

---

A Freira Enterrada em vida, ou o Convento de S. Placido, romance, traduzido do hespanhol. 1862. 3. vol. 8.º br. 1$500

Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, romance por *Camillo Castello Branco*. 1863. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . 500

Agricultura das Vinhas, e tudo o que pertence a ellas até perfeito recolhimento do vinho, por *Vicente Alarte*, br. . . . 300

Algar, e Ainore, ou os effeitos da funesta ambição de um pae. br. . . . . . 100

Amelina ou os Salteadores dos Pyrenéos. 160

Aventuras de uma Joven, ou o Cavalheiro Fingido, pelo *marquez d'Argens*. br. 200

Compendio de Grammatica Portugueza, por *Carlos A. de Figueiredo Vieira* br. 200

Cousas Espantosas, romance por *Camillo*

*Castello Branco.* 1863. 8.º br. . . . . . 500
Conversações Familiares, ácerca do Protestantismo actual por *Mr. de Séguer*, traduzido em portuguez. 1864. br . . . 300
Composições Poeticas do doutor *José Anastacio da Cunha*, seguidas da Voz da Rasão, e varias poezias. br. . . . . . . 600
Correio (o) dos Amantes, ou Variada Collecção de Cartas d'Amor, e dedicada aos jovens de ambos os sexos, por *D. Julia de Torres*, obra divertida e curiosa. 1864. . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Dama (a) das Camelias, romance por *Alexandre Dumas*, filho, precedido de um prefacio por *Julio Janin*; adornada com duas lindas estampas, nova edição 1864. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 300
Demonstração Geographica e Politica do Territorio Portuguez no Guiné inferior que abrange o reino de Angola, Benguella, e suas dependencias; causas da sua decadencia e atrasamento; por *J. A. de Carvalho e Menezes*, 8.º gr. br.. 600
Differença entre o Temporal e Eterno, chrisol purificado de desenganos, pelo padre *J. E. Nieremberg.* (uzado) 4.º... 800
Discursos sobre a Graça, por um religioso franciscano 8.º br.. . . . . . . . . .. 320
Dia (o) Indigente, conto moral. . . . . 50
Dominó (o) Encarnado, por *X. Montepin.* 1863. br. . . . . . . . . . . . . . . . . 80
Doutor (o) Urbino, por *P. Zaccone.* br.. 80
Estrellas Funestas, romance por *Camillo Castello Branco.* 1863, 8.º br. . . . . . 500

Estrellas Propicias, romance por *Camillo Castello Branco*. 1863. 8.° br. . . . . . 400
Enredo (o) Mysterioso ou o Segredo da Rocha. 3 vol. br. . . . . . . . . . . . . . 720
Galatea Egloga, por *A. J. de Carvalho*.. 100
Hercules (o) Preto romance portuguez de *Augusto Aragão*. br . . . . . . . . . . . , 360
Historia de D. Ignez de Castro. br. . . . 160
Historia do reinado de Luiz XVI e de Maria Antonieta, por *Alexandre Dumas* traducção de *Costa Braga*, em seguimento á regencia de Luiz XV, adornado com bonitas estampas. 1862. 6 vol. 8.° br.. . . . . . . . . . . . . . . . . . 2$400
Historias para gente moça, por *Julio Cesar Machado*. 8.° 1862. br. . . . . . . . 500
Historia Sagrada, do velho e novo testamento, por *Royaumont*; traduzido em portuguez. 2 vol. . . . . . . . . . . . . . . 800
Horas (novas) Marianas, ou officio menor da Santissima V. Maria N. Senhora por padre *Roquete*, enc. em marroquim. . . 720
Historia de Portugal, por *Alexandre Herculano*. 4 vol. br. . . . . . . . . . . . . . 5$000
Inquillino chorando, senhorio rindo, e um terceiro que desempata. . . . . . . . . . 40
Irmãos (os) da Costa, romance por *Manuel Gonçalves*, traduzido do francez. 2 vol. 8.° br. . . . . . . . . . . . . . . . . . 600
José Estevão, esboço historico por *Jacinto Augusto de Freitas Oliveira*, com o retrato. 1863. br . . . . . . . . . . . . . . . 1$000
Justa Acclamação do Rei de Portugal D. João o IV. tratado analytico, pelo *Dr.*

*F. Velasco de Gouveia*. br. . . . . . 600

Liberdade (a) do commercio e a protecção das industrias, por *J. H. Fradesso da Silveira*, e *D. G. Nogueira Soares*. 1862. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . 500

Lago (o) das Tempestades, por *C. Deslys*. 1863. br. . . . . . . . . . . . . . . 80

Lobo (o) Negro ,por *X. Montepin*. 1863. 320

Manual da Missa e da Confissão, edição augmentada com as vesperas do domingo e outras devoções, por padre *Roquete*; enc. em marroquim. . . . . . . . . . 840

Manual de Saude ou medecina e pharmacia domestica, por *Raspail*. 4.ª edição. 1860. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 400

Maravilhas do Genio do Homem, descobrimentos e invenções, discripções historicas, divertidas e instructivas sobre a origem e estado actual dos descobrimentos e invenções mais celebres, por Amédée de Bast, versão de *M. Luiz Coelho de Magalhães* e annotada. 1863. 2 vol. 8.º br . . . . . . . . . . . . . . . . 1$200

Memorias de França e minhas, romance por *Alexandre Dumas*. 1855. 6 vol. 8.º gr. br.. . . . . . . . . . . . . . . . . . 1$800

Memorias de Guilherme do Amaral, obra posthuma editada por *Camillo Castello Branco*. . . . . . . . . . . . . . . 500

Memorias do Cavalheiro de Faublas, romance por *Louvet de Crouvay*, adornado com lindas estampas, 8 vol. br. . . 3$200

Methodo Facilimo para aprender o systhema metrico-decimal, por *L. F. Midosi*,

1859. br . . . . . . . . . . . . . . . 80

Mez (o) de Maria, ou o mez das flores, dedicado á virgem Santissima, nova edição augmentada com o Santo Sacrificio da Missa, e orações para antes e depois da confissão. 1863. br. . . . . . . 300

Encadernado . . . . . . . . . . . . . 400

Mundos (os) Novos, viagem anecdotica ao Oceano Pacifico, por *Panhin Niboyet*.. 600

Nova descuberta, Abelhas em habitação de Vidro sem se occultarem, e memoria do que fazem as abelhas em exame dentro da sua habitação. . . . . . . . . . 120

Novissima Guia do Viajante em Lisboa, obra indispensavel aos que desejam conhecer esta notavel cidade e seus suburbios, escripta nas linguas Portugueza, Franceza, Ingleza e Hespanhol. br. 200

Noites de Lamego, romance por *Camillo Castello Branco*, 8.º br. 1864 . . . . 500

Obras (varias) do padre *José Agostinho de Macedo.*

Obras (varias) de *José Daniel Rodrigues da Costa.*

O Bem e o Mal, romance por *Camillo Castello Branco.* 1863. 8.º br. . . . . . . 400

O que ha-de ser o mundo no anno de tres mil, por *Emilio Souvestre*, illustrado com muitas gravuras. br. . . . . . . . 1$000

Papa (o) e a igreja, questões da ordem do dia, por *Mr. de Segur*. 1862. br. . . . 140

Passeios e Phantasias, por *Julio Cesar Machado.* 1863. 8.º br . . . . . . . . . . 500

Paulo e Virginia, ou estudos da natureza.

1863. 8.º br. . . . . . . . . . . . . . . 240
Pedro, o cruel, por *A. Dumas*. br. . . . . 80
Regras de cinco ordens de Architectura, segundo os principios de Vignhola, com um ensaio sobre as mesmas ordens, com uns principios de geometria pratica, com muitas estampas. . . . . . . . . 2$400
Recreios Poeticos, por *J. A. X. de Magalhães*. 1861 . br. . . . . . . . . . . . . . 120
Resumo da historia Antiga, para uso das escolas por *L. F. Midosi*, br. . . . . . 100
Recordações de Paris e Londres, por *Julio Cesar Machado*. 1863. 8.º br. . . 500
Redempção (a) Poema, por um ecclesiastico. br. . . . . . . . . . . . . . . . . 240
Regencia (a) e Luiz XV, romance historico de *Alexandre Dumas*, traduzido por *L. J. Pontes de Athaide*, adornado de lindas estampas. 4 vol. br . . . . . . 1$440
Respostas concisas e familiares ás objecções mais vulgares contra a religião, por *Mr. de Ségur*, 3.ª edição com retrato, edição de Lisboa. 1863. br. . . . 300
Ricardo, ou a dedicação á famila Stuarts, romance historico por *Leclerc*, traduzido em portuguez. 1862. 2. vol. br. . . 600
Scenas Innocentes da comedia humana, romances por *Camillo Castello Branco*. 500
Setenario das Dores de Nossa Senhora. br. 80
Saint-Clair das Ilhas, ou os desterrados da Ilha de Barra, traduzido do francez. 1862. 2 vol. br . . . . . . . . . . . . . . 960
Segredo (o) da Confissão, romance. br. . 200
Solitario (o) jogo para uma ou mais pes-

sôas se divertirem de ambos os sexos,
*J. P. de Carvalho* . . . . . . . . . . 50
Torre (a) do Diabo, por *Paulo Feval*. br. 120
Tres (os) Ramos de Flores do Pachá, por
*Octavio Feré*. 1863. br. . . . . . . . . 80

---

# BIBLIOTHECA THEATRAL

*Collecção de peças jocosas, representadas com applauso nos theatros publicos*

## Primeira serie

N.° 1—A compadrice, comedia em 5 actos. 120
N.° 2—O papa-jantares, farça em 1 acto. 80
N.° 3—Os primeiros amores, comedia em 1 acto . . . . . . . . . . . 80
N.° 4—Apanhei os cinco contos! que famoso numero !...farça em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . 80
N.° 5—Um marquez feito á pressa, comedia em 1 acto . . . . . . . . . 100
N.° 6—Ha mais Marias na terra, comedia original em 1 acto. . . . . . . 100
N.° 7—O charlatanismo, poesia-comica... 50
N.° 8—Precisa-se de um criado de servir, comedia em 1 acto. . . . . . 100

## Segunda serie

N.° 1—Luizinha a leiteira, scena-comica.

—O descasca-milho, entre-acto comico, em continuação da mesma scena-comica, originaes. .. 100
N.º 2—Um provinciano em Lisboa, scena que pertende ser comica, original, . . . . . . . . . . . . . 60
N.º 3—Um primo inesperado, comedia em 1 acto, . . . . . . . . . . . . 100
N.º 4—O zelador Municipal,—O Pilhado, Cançonetas comicas, . . . . . 50
N.º 5—O bravo de Veneza, comedia em 1 acto . . . . . . . . . . . . 100
N.º 6—O que a mulher não faz... comedia em 1 acto. . . . . . . . . . 100
N.º 7—Uma Victima dos Espectros, scecomica original . . . . . . . 60
N.º 8—A Carteira de Mauricio Lopes, comedia em 1 acto. . . . . 120

---

## Comedias, dramas, farças, scenas-comicas

Abençoada Resignação, drama original port. em 3 actos por *J. B. de A. Assis.* 1862. br. . . . . . . . . . . . . . . . . 200
Abnegação, drama em 4 actos por *Ernesto Biester.* 1861. . . . . . . . . . . . . 360
Adriana Lecouvreur, em 4 actos traducção portugueza por *A. F. de Castilho.* br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 240
Amor (o) maternal, drama em 2 actos, trac. de *J. J. da S. Lima.* br. . . . . 160
Annel (o) d'Alliança, comedia original em

1 acto por *Julio C. Machado.* br. . . . 120
Antes a filha que o vinho, farça . . . . 80
Arte (a) não tem paiz, scena original por *P. C. d'A. Chaves.* 1861. br. . . . . 50
Aviso (o) da Gazeta, farça em 1 acto. . . 100
Amor conjugal, comedia em 1 acto. 1863. 120
A bom servidor boa paga, proverbio em 1 acto . . . . . . . . . . . . . . . . . . 120
A caridade contada por um asylado, poesia-comica-satyrica por *A. J. P. Varella.* 60
Amor e Tolcima, entre-acto comico, por *A. R. Palma,* e *A. J. P. Varella.* 1864. 100
A criada Diplomata, comedia em 1 acto. 1864 . . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Bloqueio (o) de Sebastopol, ou um episodio da questão do Oriente, comedia em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Branca, drama original em 4 actos pela *condessa do Casal* 1857. br. . . . . . 320
Casado por commodidade, comedia em 1 acto, imitação por. *A. Athaide.* 1862. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Castellã (a) comedia original em 1 acto por *Eduardo Coelho.* 1862. 8.° br. . . 120
Cata (á) d'um namorado, comedia em 1 acto por *F. Serra.* 1861. br. . . . . . 120
Como se perde um noivo proverbio por *A. P. Lopes de Mendonça.* br. . . . . . . 120
Conde (o) de Paragará, comedia em 2 actos por *A. Abranches.* 1855. br. . . 200
Consorcio (o) deLucrecia, comedia em 1 acto por *J. J. da S. M. Leal.* . . . . 160
Consequencias de uma Inicial, comedia original em 1 acto 1863. . . . . . . . 120

Carlos e Luiza, entre-acto — Um Passaro d'Arribação, scena comica originaes . . 120
Conde (o) de Santo Ildefonso, comedia em 1 acto. 1863 . . . . . . . . . . . . . . . . .. 100
Cesar o Estudante, comedia em 1 acto. . 160
Depois da meia noite, farça em 1 acto. 100
Desafio (o) impossivel, drama em 1 acto. 80
Duas (as) bengalas, comedia em 1 acto. . 160
Dançarino (o) Encuberto, comedia original em 1 acto. 1863. . . . . . . . . . . 160
Effeitos do vinho novo. scena-comica 1861. 50
Eu gosto de namorar, scena quasi comica d'um coração muito dramatico, original por *L. de Araujo Junior.* 1864. . . . . 60
Festim (o) ou a mulher extravagante, comedia em 5 actos. . . . . . . . . . 140
Fossilismo e progresso, revista em 3 actos e 6 quadros por *Manuel Roussado.* br. 240
Fortuna e Trabalho, comedia-drama em 5 actos por *E. Biester.* 1863. br. . . . 300
Galucho (o) ou amor e gloria, farça em 2 actos. . . . . . . . . . . . . . . . . . 120
Homem (o) dos sete officios, poesia comica . . . . . . . . . . . . . . . . . . 50
Juiz (o) Eleito, scena de costumes original em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . 160
Josésinho e Mariquinhas, comedia original em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . 120
Luiza ou a criada sem commodo, scena-comica. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 160
Maria ou vinte annos depois, drama original em 2 actos, por *J. J. da Silva.* 240
Misantropo (o) farça. 1854. br.. . . . . . 130
Missão (a) comedia drama em 3 actos . 240

Monsieur de tal, scena-comica. 1859. 8.° gr. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 60
Mulher (a) que deita cartas, drama em 5 actos e um prologo. 1861. br. . . . . . 360
Marido (um) que rapta sua mulher, comedia original em 1 acto. 1863. . . . . . 160
Margarida ou o Herdeiro Desherdado, comedia em 1 acto, por *A. J. P. Varella.* 180
Namorador (o) d'officio, poesia comica por *Eduardo Garrido.* 1862. . . . . . . . 50
Nova Castro, tragedia por *J. B. G.* 8.° br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
Noivo (o) da Lourinhã, comedia em 1 acto 120
Não é com essas, comedia em 3 actos . . 200
Ore tes, tragedla em 5 actos, 8.° br. . . . 160
O valentão, scena-comica. 1862. . . . . . 50
O Photographo, scena-comica, 1864. . . . 00
O que a Ambição faz praticar, comedia drama em 1 acto. 1863 . . . . . . . . . 160
O Senhor Murteira, scena-comica. . . . . 50
O Sebastianista, cançoneta comica-sebastica . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 60
Pae (o) do noivo, comedia em 2 actos, imitação por *J. G. Teixeira.* 1862. . . 280
Paixão (a) de André Gonçalves, imitação por *L. de Araujo Junior,* 1860. br. . . 120
Pequenas (as) miserias, farça em 1 acto, 1854, br. . . . . . . . . . . . . . . . 160
Plano (o) malogrado, farça em 1 acto, . 80
Por causa de um algarismo, comedia em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . . . 160
Porta (á) rua, farça em 1 acto, 1854. br. 160
Por um triz! comedia em 1 acto imitação por *Eduardo Garrido.* 1854. br. . . . 100

Primo (o) d'Imbofia, ou Estapafurdio logrado, farça. . . . . . . . . . . . . . 80
Profecia (a) ou a Quéda de Jerusalem, drama original portuguez em 5 actos por *D. J. de A. e Lencastre.* br. . . . . . 600
Procura (á) de si mesmo, comedia em 2 actos, traduzida por *J. G. Teixeira,* 280
Por causa d'um Papagaio, comedia em 1 acto. 1864. . . . . . . . . . . . . . . . 120
Por causa de um par de botas, comedia em 1 acto. 1863. . . . . . . . . . . . . 000
Reflexões de um marujo, scena pouco comica . . . . . . . . . . . . . . . . . . 50
Respeito pela memoria de um pae, comediadrama em 1 acto por *J. G. Teixeira.* br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 160
Revolução (a) do Minho, drama popular em 3 actos, por *J. M. H. Leal de Gusmão.* br. . . . . . . . . . . . . . . . . . 240
Rochedos de constancia, comedia em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
Romance (o) de uma hora, comedia em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
Seductor (o) e o amante, drama em 2 actos por *J. U. F. de S.* 1852. br. . . . . 240
Sociedade (a) dos treze, comedia em 1 acto. 100
Somnambula (a) sem o ser, comedia em 1 acto. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 160
Tio (o) Torquato.—de noite todos os gatos são pardos, comedia em 1 acto. br, 000
Tomada (a) da ilha de Santa Luzi, drama em 1 acto. 8.º br. . . . . . . . . . . . 80
Tribulações de um tutor, comedia em 1 acto imitação de *J. G. Teixeira,* 1863. 160

| | |
|---|---|
| Tudo por causa de um dinheiro de um tio, comedia original em 1 acto, por *J. G. T.* 1857. br. . . . . . . . . . . . . . | 140 |
| Uma intriga de côrte comedia em 1 acto, por *J. G. Teixeira.* 1858. br. . . . . | 140 |
| Um discipulo de latim, comedia em 1 acto, imitação de *F. J. da C. Braga* 1859. br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . | 200 |
| Um encontro, disparate em 3 scenas, por *J. Guilherme Teixeira.* 1862 . . . . | 50 |
| Um logro, comedia em 1 acto, por *J. A. G.* . . . . . . . . . . . . . . . . . . | 80 |
| Um namorado exemplar comedia em 1 acto por *Eduardo Coelho,* 1861. 8.º br. . . . | 100 |
| Velhaco (o) fanfarrão castigado por si mesmo, farça em 1 acto. . . . . . . . . .. | 80 |
| Velho (o) perseguido, farça em 1 acto. . . . | 80 |
| Vingança (a) de um beijo, comedia em 1 acto, imitação de *Eduardo Coelho* 1861 . | 100 |



Typ. do Novo Gratis, de Antonio J. Germano, travessa do Soccorro n.º 1 1.º andar